

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

PAULO EUDES LEONEL DA SILVA

**AGOSTINHO E A EXPERIÊNCIA DA FELICIDADE:
um contraponto com a realidade escolar no século XXI**

Recife
2024

PAULO EUDES LEONEL DA SILVA

**AGOSTINHO E A EXPERIÊNCIA DA FELICIDADE:
um contraponto com a realidade escolar no século XXI**

Dissertação apresentado ao PROF-FILO,
da Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, como requisito para a obtenção do
título de Mestre em Filosofia.

Área de Concentração: Filosofia e Ensino

Orientador: Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa

Recife

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silva, Paulo Eudes Leonel da.

Agostinho e a experiência da felicidade: um contraponto com a realidade escolar no século XXI / Paulo Eudes Leonel da Silva. - Recife, 2024.

81f.: il.

Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Profissional em Filosofia, 2024.

Orientação: Marcos Roberto Nunes Costa; Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimaraes; Prof. Dr. Marlesson Castelo Branco do Rego.

1. Agostinho; 2. Ensino de Filosofia; 3. Ensino Médio; 4. Felicidade. I. Rego, Marcos Roberto Nunes Costa; Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimaraes; Prof. Dr. Marlesson Castelo Branco do. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

CDD 100

PAULO EUDES LEONEL DA SILVA

**AGOSTINHO E A EXPERIÊNCIA DA FELICIDADE:
um contraponto com a realidade escolar no século XXI**

Dissertação apresentado ao PROF-FILO, na Área de Concentração: Filosofia e Ensino, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 28 de agosto de 2024.

Prof. Dr. Marcos Roberto Nunes Costa (Presidente - Orientador – UFPE)

Prof. Dr. Marlesson Castelo Branco do Rego (Examinador externo a UFPE - IFPE)

Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimaraes (Examinador interno ao Programa - UFPE)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, cuja graça e misericórdia sustentaram-me durante toda a jornada acadêmica. É nele que encontramos força e inspiração para superar os desafios e continuar perseverando em nossos objetivos.

À minha família, minha base inabalável, expresso minha profunda gratidão. Aos meus pais, que com amor e dedicação me forneceram apoio emocional. Suas palavras de encorajamento e sacrifícios pessoais foram exemplos essenciais para a conclusão desta dissertação.

Aos educadores, representados pelo meu orientador, que com paciência e sabedoria me guiaram pelo caminho da pesquisa acadêmica. Seu conhecimento e orientação foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho. Sou eternamente grato por sua disponibilidade e comprometimento em compartilhar seu saber.

Aos meus colegas de trabalho, que constantemente me incentivaram e apoiaram. Em especial, agradeço a Igor Carneiro, cuja amizade e encorajamento foram fundamentais nos momentos de dificuldade. Seu apoio motivacional fez toda a diferença em minha trajetória.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho. A todos vocês, meu sincero agradecimento.

RESUMO

A dissertação investiga o conceito de felicidade em Santo Agostinho, contrastando-o com as percepções de felicidade entre adolescentes do ensino médio. Inicialmente, analisa-se a concepção de felicidade em Agostinho, que é definida como a busca e união com Deus, alcançada através de uma vida virtuosa e da introspecção espiritual. Antes de chegar a esta concepção, Agostinho foi fortemente influenciado pela filosofia greco-romana, o que é discutido para contextualizar suas ideias. Em contraponto, a pesquisa examina as concepções contemporâneas de felicidade entre jovens estudantes do ensino médio, predominantemente caracterizadas por aspectos materiais e emocionais imediatos, como sucesso escolar, relacionamentos interpessoais e bem-estar psicológico. A análise aborda como fatores sociais, culturais e tecnológicos influenciam essas concepções de felicidade. Utilizando uma metodologia mista, a dissertação coleta dados qualitativos e quantitativos através de entrevistas e questionários realizada com os estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva, do 1º ano do Ensino Médio a respeito da percepção sobre felicidade. Além disso, explora-se como o ensino de filosofia pode impactar essas percepções, oferecendo uma perspectiva crítica e reflexiva sobre a busca da felicidade. Os dados coletados são então comparados com os conceitos agostinianos, destacando as diferenças e semelhanças entre essas abordagens. A conclusão enfatiza que, enquanto a perspectiva agostiniana de felicidade realça uma dimensão transcendente e espiritual, os estudantes tendem a focar em realizações tangíveis e experiências momentâneas. Esta diferença reflete as mudanças culturais e sociais que ocorreram ao longo dos séculos, evidenciando como o conceito de felicidade evoluiu de uma visão espiritual para uma mais imediatista e materialista.

Palavras-chave: Agostinho; Ensino de Filosofia; Ensino Médio; Felicidade.

ABSTRACT

This dissertation investigates the concept of happiness in Saint Augustine, contrasting it with the perceptions of happiness among high school adolescents. Initially, the dissertation analyzes Augustine's conception of happiness, which is defined as the search for and union with God, achieved through a virtuous life and spiritual introspection. Before arriving at this conception, Augustine was strongly influenced by Greco-Roman philosophy, which is discussed to contextualize his ideas. In contrast, the research examines contemporary conceptions of happiness among young high school students, predominantly characterized by immediate material and emotional aspects, such as academic success, interpersonal relationships and psychological well-being. The analysis addresses how social, cultural and technological factors influence these conceptions of happiness. Using a mixed methodology, the dissertation collects qualitative and quantitative data through interviews and questionnaires conducted with students from the João Fernandes da Silva Reference High School, in the 1st year of high school, regarding their perception of happiness. Furthermore, it explores how the teaching of philosophy can impact these perceptions, offering a critical and reflective perspective on the pursuit of happiness. The data collected are then compared with Augustinian concepts, highlighting the differences and similarities between these approaches. The conclusion emphasizes that, while the Augustinian perspective of happiness emphasizes a transcendent and spiritual dimension, students tend to focus on tangible achievements and momentary experiences. This difference reflects the cultural and social changes that have occurred over the centuries, evidencing how the concept of happiness has evolved from a spiritual vision to a more immediate and materialistic one.

Keywords: Augustine; Teaching of Philosophy; High School; Happiness.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Definições de felicidade.....	22
Quadro 2: As principais Escolas surgidas no séc. a.C.	30
Quadro 3: Instrumentos para coleta de dados	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pessoa Feliz	49
Gráfico 2: Felicidade	51
Gráfico 3: Ambiente Familiar e Felicidade.....	53
Gráfico 4: Amizade e Felicidade	54
Gráfico 5: Atividades Extracurriculares e a Felicidade	56
Gráfico 6: Redes Sociais e a Felicidade.....	58
Gráfico 7: Felicidade e Busca de Ajuda Profissional	60
Gráfico 8: Felicidade Futura.....	62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	OBJETIVOS	16
1.1.1	Objetivo geral	16
1.1.2	Objetivos específicos	17
1.2	MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	17
2	A BUSCA PELA FELICIDADE NA TRADIÇÃO PRÉ-AGOSTINIANA	20
2.1	BREVE DEFINIÇÃO SOBRE FELICIDADE	21
2.2	FELICIDADE NA VISÃO FILOSOFICA GRECO-ROMANA	24
2.2.1	A concepção de felicidade em Platão	24
2.2.2	A concepção de felicidade em Aristóteles	28
2.2.3	O conceito de felicidade nos pensadores helenísticos	29
3	A FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO	35
3.1	A PROCURA DA FELICIDADE E UMA BREVE REFLEXÃO NA VISÃO DE AGOSTINHO	37
3.2	A FELICIDADE NA CONCEPÇÃO AGOSTINIANA	39
4	A FELICIDADE E A REALIDADE ESCOLAR NO SÉCULO XXI	42
4.1	DESCRIÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA	42
4.2	CAMPO METODOLÓGICO	44
4.2.1	Instrumentos para coleta de dados	46
4.2.2	Análise e discussões dos dados	47
4.2.2.1	A palavra é dos participantes da pesquisa: o que os alunos pensam sobre a felicidade	49
4.2.2.2	Os impactos do conceito de felicidade agostiniano sobre os alunos	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	70
	Anexo A - Questionário de intervenções com os alunos (as) respostas através de uma pesquisa Web	74
	Anexo B - Área do conhecimento de ciências humanas e sociais aplicadas - Ensino de Filosofia no Ensino Médio	76

1 INTRODUÇÃO

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova,
Tarde te amei! Eis que estavas dentro e eu fora.
E aí te procurava e lançava-me nada belo antes a beleza que Tu
criaste. Estavas comigo e eu não consigo.
Segurava-me longe de ti as coisas que não existiriam, se não
existissem em ti.
Chamaste, chamaste e rompestes minha surdez, brilhastes e
resplandeceste e afugentaste minha cegueira. Exalaste perfume e
respirei.
Agora anelo por ti. Provei-te, e tenho fome e sede.
Tocaste-me e ardi por tua paz
(Agostinho, *Confissões*, X, 27, 2012, p. 243).

Trago comigo uma trajetória acadêmica e profissional marcada por uma busca incessante pelo conhecimento e aprimoramento. Graduei-me em Letras pela Faculdade de Formação de Professores de Araripina - FAFOPA em 2004, mesmo iniciando minha jornada universitária após os 30 anos. Isso evidencia minha grande paixão pela educação, pois compreendo profundamente o papel dos educadores como agentes de transformação social.

Com um olhar voltado para as nuances da aprendizagem, não me contentei apenas com a graduação inicial. Em 2011, dei início a duas pós-graduações, concluídas em 2012, nas áreas de Psicopedagogia e Gestão Escolar. Essa decisão reflete meu compromisso em compreender mais profundamente os processos de ensino-aprendizagem e como uma gestão eficaz pode impactar positivamente o ambiente educacional.

Além do meu comprometimento com a educação, expandi meus horizontes acadêmicos ao aventurar-me na área da Teologia. Em 2022, concluí minha graduação em Teologia pelo Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto, demonstrando minha vontade de explorar diferentes campos do conhecimento e minha conexão com questões espirituais e filosóficas. Destaco, nesse contexto, o impacto de Agostinho de Hipona, que chamou minha atenção pela capacidade de explicar diversas situações da vida, promovendo um diálogo entre teologia e filosofia.

Atualmente, estou imerso em minha jornada como mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Essa nova etapa de minha trajetória acadêmica reflete meu desejo contínuo de questionar, refletir e expandir meus

horizontes intelectuais. Minha busca vai além da mera aquisição de conhecimento, visando também contribuir para o avanço do pensamento filosófico.

Ao longo de minha caminhada, tenho procurado destacar-me não apenas por minha dedicação aos estudos, mas também por minha paixão pelo aprendizado e compromisso em fazer a diferença no campo da educação e da filosofia. Minha trajetória é um testemunho vivo da importância da dedicação aos estudos, que é inspiradora do poder, da curiosidade, da determinação e da busca incessante pelo conhecimento.

Com uma carreira sólida de 19 anos como educador, tive o privilégio de desempenhar diversas funções de grande importância ao longo desse período. Minha jornada teve início na Escola Manoel Bonifácio, em Araripina-PE, onde exerci o cargo de professor e também atuei como Educador de Apoio. Posteriormente, na GRE Agreste Meridional, assumi a responsabilidade de chefe de CDP (Coordenação de Desenvolvimento Profissional) e, por mérito em processo seletivo, fui nomeado Coordenador Geral da Educação Integral e Profissional na mesma Gerência Regional.

Atualmente, tenho a honra de desempenhar a função de Gestor na Escola EREM João Fernandes da Silva, posição que assumi em fevereiro de 2020. Ao longo de minha carreira, tenho mantido um compromisso inabalável com a educação e um desejo contínuo de contribuir para o desenvolvimento de nossos estudantes, e, por conseguinte, para o avanço da educação na região em que moro.

A felicidade é um tema recorrente e fundamental na filosofia de Agostinho, refletindo sua profunda preocupação com a condição humana e a busca pelo bem supremo. Ao analisar a felicidade sob a ótica agostiniana e compará-la com a concepção de felicidade entre os estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva, do 1º ano do Ensino Médio, esta dissertação busca oferecer uma contribuição significativa tanto para o campo da filosofia quanto para a prática educativa.

A escolha desse tema se fundamenta na relevância do ensino de Filosofia na formação do jovem aluno do Ensino Médio, conforme destacado no Currículo de Pernambuco de 2021.

Por essa razão, o Ensino de Filosofia se faz imprescindível na formação do jovem aluno do Ensino Médio, como podemos analisar no (**Anexo II**) ao tratar da organizador curricular, voltado para que tenha domínio do pensar de modo analítico, através do domínio de um acervo conceitual e de determinadas

competências/capacidades intelectuais próprias da Educação Filosófica, tais como: (1) Compreensão da Condição Humana (que se refere ao sentimento de existir do homem no mundo; a origem de possibilidade de toda pergunta, particularmente a pergunta pelo Ser, pelo seu modo de Ser ou a sua situação, marcada pela finitude (Brasil, 2021, p. 275).

Essa reflexão filosófica é essencial para que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda de si mesmos e do mundo ao seu redor. Ao abordar a felicidade em Agostinho e fazer um contraponto com a felicidade dos estudantes do ensino médio, esta dissertação visa não apenas explorar um tema filosófico clássico, mas também incentivar os jovens a questionar e analisar suas próprias concepções de felicidade.

Através deste trabalho, que tem como tema “Agostinho e a experiência da felicidade no Ensino Médio”, buscaremos construir uma linha de pensamento voltada ao contraponto com a realidade escolar no século XXI. Diante desse fato, buscamos conceituar a felicidade dentro do campo da história da filosofia, com ênfase no pensamento de Santo Agostinho.

O texto apresenta o conceito de felicidade na Antiguidade e a discrepância entre este conceito e o conceito de felicidade que vivenciamos hoje. A partir dessa abordagem, o texto mostra como o conceito de felicidade de Santo Agostinho também diverge do entendimento de felicidade hoje, o qual rompe com o conceito baseado na razão enquanto baseia toda sua tese em Deus.

Agostinho define a vida feliz no perfeito conhecimento de Deus, com ênfase no diálogo *Sobre a Vida Feliz*, conforme Nair de Assis Oliveira, em sua revisão da tradução da referida obra publicada pela Paulus:

Para melhor informação sobre esta obra, deixemos falar o próprio Agostinho. Nos últimos anos de sua vida, fazendo a revisão de suas obras, a respeito desta, *A vida feliz*, declara: ‘Este livro [...] começado por ocasião do aniversário de meu nascimento, foi terminado após três dias de discussão, como está bem indicado aí. Nesse livro concordamos que prosseguíamos juntos a busca que não há vida feliz a não ser no perfeito conhecimento de Deus’ (Oliveira, 1998, p. 157).

Durante o referido diálogo, fica claro que, naqueles três dias de comemoração do seu aniversário, Agostinho perseguia, através daquela conversa filosófica, uma resposta as muitas perguntas sobre a “verdadeira felicidade”. Os participantes da conversa percebem que não seria algo fácil de encontrar, tendo em vista que todos,

conforme os seus conhecimentos e experiência, apresentavam os seus argumentos, os quais motivavam maiores discussões o que motivava ainda mais novas reflexões e aprofundamento do tema em questão.

Na visão agostiniana, a felicidade está ligada à transcendência, tornando o homem vivo mesmo após a morte. Entretanto, em nossos dias, a felicidade tem um outro conceito, fato observado em pesquisa recente sobre “do que eles precisam para serem felizes? A felicidade na visão de adolescentes” (Camargo; Abaid; Giacomoni, 2011, p.44) que nos coloca que felicidade está mais ligada à bens materiais e à riqueza, ao ter e não ao ser.

Diante desse fato, indagarmos o que de fato seria está felicidade e onde a mesma poderia estar? Uma vez que para Paula e Melo (2011), a felicidade é um estado de espírito, um estado de contentamento, e esse conceito de felicidade que presenciamos hoje na mídia é bem diferente daquele defendido pelos pensadores na antiguidade, especialmente Santo Agostinho.

Ainda é importante ressaltarmos que todos os seres humanos buscam a felicidade, todos nós desejamos ser felizes. Algumas pessoas passam a vida inteira buscando essa tal felicidade, cada um de seu modo e da forma que pensam ser a correta ou a que mais lhe parece atraente. A busca pela felicidade sempre existiu, pode-se arriscar dizer que é tão antiga quanto a própria história (Seligman, 2019).

O que pode atrapalhar esse percurso é a falta de conhecimento de si próprio por parte do ser humano, não sabendo na realidade o que é melhor e a fonte de sua “verdadeira felicidade”. Cada ser tem uma concepção diferente de felicidade, a qual depende do mundo que essa pessoa vive, das coisas que a rodeiam e do seu nível intelectual. Alguns pensam que a felicidade é ter bens materiais, outros pensam que é ser conhecido e ter prestígio na sociedade, outros veem em Deus sua “verdadeira felicidade” (Agostinho, 1998, p. 129).

Tendo em vista este contexto, esse trabalho visa investigar o conceito de felicidade sob a ótica de Santo Agostinho e de como este entra em confronto com o conceito de felicidade vista no universo dos estudantes os estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva, do 1º ano do Ensino Médio em São João - PE.

Portanto, a busca pela compreensão da felicidade é uma das mais antigas e persistentes indagações da humanidade. Desde os tempos antigos até os dias atuais,

filósofos, teólogos, cientistas e indivíduos comuns têm dedicado esforços consideráveis para desvendar os mistérios subjacentes a esse estado de ser.

No entanto, apesar de sua relevância universal, o conceito de felicidade continua a desafiar definições precisas e a instigar reflexões profundas sobre sua natureza e realização.

Já ao ser trabalhado no âmbito da filosofia, diversas correntes de pensamento apresentam abordagens distintas sobre a felicidade, desde as perspectivas hedonistas que a associam ao prazer e à satisfação imediata, até as visões *eudaimonistas* que a entendem como uma realização mais ampla e significativa, ligada ao florescimento humano e à busca por um propósito moral e virtuoso.

Neste contexto, o presente estudo volta-se para uma análise da concepção agostiniana de felicidade, explorando as contribuições do filósofo Agostinho para o entendimento desse tema crucial. Agostinho, um dos mais proeminentes filósofos e teólogos da tradição cristã, oferece uma perspectiva ímpar que entrelaça elementos da filosofia platônica, da teologia cristã e de sua própria experiência pessoal em uma visão abrangente sobre a busca pela felicidade.

Todavia, ao iniciar esta pesquisa, deparamo-nos com uma realidade que merece ser reconhecida e discutida. Alguns estudantes participantes deste estudo expressaram reservas em relação ao tema da felicidade e à sua disposição para contribuir com as reflexões propostas. Apesar dos esforços em fornecer explicações claras e materiais elucidativos, esses estudantes manifestaram desconforto e relutância em compartilhar suas opiniões e perspectivas sobre o assunto.

É relevante observar que esta pesquisa foi conduzida em uma sala de aula, envolvendo estudantes os estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva, do 1º ano do Ensino Médio. A amostra compreende um total de 41 estudantes, sendo 21 alunas e 20 alunos. A diversidade de gênero nesta amostra pode fornecer *insights* interessantes sobre possíveis variações na percepção e na busca pela felicidade entre os jovens.

Diante desse contexto, é imprescindível reconhecer e respeitar as diferentes sensibilidades e disposições dos participantes, garantindo um ambiente propício para a expressão livre e genuína de suas opiniões. A compreensão da felicidade, assim como qualquer questão filosófica, é intrinsecamente ligada à subjetividade e à experiência individual, e é crucial que essa diversidade de perspectivas seja valorizada e considerada ao longo deste estudo.

Dessa maneira, a pesquisa propôs não apenas a explorar os ensinamentos de Agostinho sobre a felicidade, mas também a promover um diálogo inclusivo e enriquecedor que incorpore as vozes e experiências dos participantes, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e significativa desse tema fundamental para a existência humana.

A relevância de se apontar o percurso metodológico contribuiu em promover não só a resposta da problemática existente, mas também provocar novos olhares para formação de concepções que venham trazer inovadores comportamentos frente a análise dos estudantes sobre felicidade.

Sendo assim, o procedimento da pesquisa se deu através da compreensão a respeito da felicidade, sendo esta uma jornada intrínseca à condição humana, e na adolescência, essa busca assume contornos ainda mais marcantes. Nesse período de transição e descobertas, os jovens se deparam com questionamentos profundos sobre o sentido da vida e os caminhos que os levarão à realização pessoal. Nesse cenário desafiador, a filosofia de Agostinho emerge como uma fonte de reflexão e inspiração, oferecendo insights valiosos sobre a natureza da felicidade e os meios para alcançá-la.

Ao delinear os objetivos de uma pesquisa de campo que visa explorar a felicidade na adolescência à luz dos ensinamentos agostinianos, é imperativo considerar diversos aspectos interconectados que moldam a experiência dos jovens contemporâneos. Em primeiro lugar, é essencial compreender como os adolescentes interpretam e internalizam os conceitos filosóficos complexos transmitidos por Agostinho. Este objetivo não apenas visa avaliar a capacidade dos jovens de assimilar ideias abstratas, mas também busca entender como tais conceitos ressoam em suas vidas cotidianas e influenciam suas escolhas e perspectivas.

Além disso, a influência do contexto midiático não pode ser subestimada. Os adolescentes estão imersos em uma cultura saturada de mensagens publicitárias, padrões de beleza idealizados e narrativas de sucesso que frequentemente distorcem sua percepção da felicidade. Portanto, uma pesquisa abrangente deve investigar como essas influências moldam as expectativas e aspirações dos jovens, contrastando com os princípios agostinianos que valorizam uma felicidade mais profunda e duradoura.

Outro aspecto crucial a ser considerado é a realidade socioeconômica e familiar dos adolescentes. Muitos jovens enfrentam desafios significativos, incluindo

instabilidade familiar, privações materiais e dificuldades socioeconômicas que podem impactar profundamente sua concepção e busca pela felicidade. Compreender como esses fatores se entrelaçam com a filosofia de Agostinho é essencial para oferecer *insights* relevantes sobre como os jovens podem encontrar significado e contentamento em meio às adversidades.

Ao identificar as necessidades e desafios específicos enfrentados pelos adolescentes em sua busca pela felicidade, essa pesquisa não apenas enriquece nosso entendimento sobre a relação entre a filosofia de Agostinho e a experiência juvenil, mas também oferece oportunidades para intervenções educacionais e programas de apoio que promovam o bem-estar dos jovens. Ao integrar abordagens filosóficas com estratégias práticas para lidar com os desafios do mundo contemporâneo, podemos capacitar os adolescentes a cultivar uma felicidade mais autêntica e resiliente, preparando-os para enfrentar os desafios e oportunidades que a vida lhes reserva.

Em última análise, esta pesquisa representa um esforço para compreender mais profundamente a complexa interação entre a filosofia, a juventude e a busca pela felicidade em um mundo em constante mudança e permeada por uma visão materialista/utilitarista de felicidade. Ao ampliar nosso conhecimento sobre essas questões fundamentais, podemos contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais compassiva, justa e orientada para o bem-estar de seus membros mais jovens.

Como já fora anunciado em momentos anteriores, ressaltamos que a pesquisa foi realizada na Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva. Está localizado no mesmo endereço de fundação, na Av. Joaquim Pereira dos Santos, SN - Centro, São João - PE. Os participantes da pesquisa foram: estudantes (41) do 1º ano do Ensino Médio. No subitem seguinte trazemos os instrumentos que utilizamos para a coleta de dados desta pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Investigar o conceito de felicidade sob a ótica de Santo Agostinho, com foco no diálogo “*Sobre a Vida Feliz*”, que é uma reflexão sobre este tema, o qual era muito

comum na Antiguidade, mas que entra em confronto com a ideia de felicidade que perpassa o universo dos estudantes do concepções contemporâneas de felicidade no ensino médio na disciplina de Filosofia.

1.1.2 Objetivos específicos

É através do objetivo geral, que permitiu propor quatro (4) objetivos específicos, são eles:

- Apresentar a influência da filosofia clássica na vida de Agostinho;
- Investigar o conceito de felicidade na obra *Sobre a Vida Feliz* de Santo Agostinho;
- Discutir o significado de felicidade, especialmente nas concepções das/os estudantes e o que se promove pelas mídias digitais;
- Realizar uma intervenção didática em sala de aula, no Ensino Médio, a partir da leitura e reflexão de textos de Agostinho e da análise dos estudantes sobre felicidade a partir da disciplina de Filosofia.

1.2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Este tópico se destina a descrever a metodologia que foi empregada no presente trabalho, as formas de pesquisa utilizadas para atingir os propósitos alcançados. Salientando que, se adotou o tipo de pesquisa qualiquantitativo e método bibliográfico.

Por esse motivo, se faz necessário discorrer como se configuram estes métodos de pesquisa. O tipo de pesquisa exploratória, por sua vez, pode ser definido como a forma de averiguação aprofundada, buscando o conhecimento da realidade, visto que o tipo de pesquisa utilizada busca explicar os motivos, e que neste caso, se procurou apontar sobre a felicidade.

Desse modo o desenvolvimento do trabalho metodológico de um estudo científico requer atenção e a construção de um caminho a ser percorrido, principalmente a partir das leituras da obra de Agostinho *Sobre a Vida Feliz*, procurando contextualizar o autor na época e verificar sua importância para os dias atuais, quando a busca de Deus se tornou mais um comércio do que à procura da felicidade.

De acordo com Armando Cervo e Pedro Bervian (2019) os métodos adotados pelos pesquisadores se baseiam nos critérios técnicos para a formação de pesquisas que possui o objetivo de oferecer as informações necessárias para orientação e formulação dos trabalhos acadêmicos.

Com a aplicação do tipo e método de pesquisa se pode produzir importantes reflexões acerca da temática proposta, produzindo assim, um trabalho de conclusão de Curso em forma de dissertação, que segundo Lakatos; Marconi (2021) “os estudos de um tema específico de valor representativo, deverá obedecer rigoroso métodos, como investiga um assunto com profundidade, todavia por vários pontos de vistas e direções, estando sujeito a um determinado objetivo”.

Neste sentido, foi utilizada a Pesquisa Bibliográfica, por meio de informações adquiridas através de livros, dissertações em *sites* acadêmicos que tratam exclusivamente do tema abordado e artigos científicos que explorem o assunto principal da dissertação, conforme define Lakatos; Marconi (2021) “as pesquisas bibliográficas são criadas com o apoio de livros materiais encontrados em livros e trabalhos científicos”.

Neste mesmo contexto ainda contribui Antônio Joaquim Severino (2018, p. 122) afirmando que os trabalhos científicos são aqueles criados a partir os devidos registros, que decorreram de estudos anteriores, adquiridos por meio artigos, livros e teses. Os pesquisadores trabalham com contribuições de outros autores que tenham os seus trabalhos devidamente registrados.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica se firmou como o principal meio utilizado para reunir informações e dados que serviu de base para a construção da investigação acerca da felicidade, contribuindo assim para o desenvolvimento de todo o estudo, bem como para o esclarecimento de questões que venham a surgir no discorrer dos discernimentos apresentados.

Agregado ao tipo de pesquisa se promoveu um estudo com uma abordagem exploratória, tendo em vista que é necessário que o pesquisador e o tem pesquisada exista, entre si, uma familiaridade, visando uma descoberta e uma elucidação através de uma sondagem com finalidade de aprimorar a visão e construir ideais.

A relevância de se apontar o percurso metodológico contribuiu em promover não só a resposta da problemática existente, mas também provocar novos olhares para formação de concepções que venham trazer inovadores comportamentos frente a análise dos estudantes sobre felicidade.

Quanto ao estudo do caso, Roberto Yin afirma que “o estudo do caso é um método qualitativo que consiste geralmente em uma forma de aprofundar uma unidade individual. Ele serve para responder questionamentos que o pesquisador não tem muito controle sobre o fenômeno estudado” (2001, p.19).

Para atender aos seus propósitos, daqui para frente, dividiremos nossas análises/argumentações, em 3 capítulos.

Num primeiro momento (capítulo 2), iniciou-se abordando a questão da busca da felicidade, apresentando uma breve definição sobre a questão, e assim, construindo uma ponte a partir da visão filosófica dos gregos Platão e Aristóteles, interligando com a felicidade na concepção agostiniana.

Já o segundo momento (capítulo 3), está mais voltado para o objeto central desta dissertação, ou seja, a felicidade e Santo Agostinho, se aprofundando no processo da procura pela felicidade bem como uma breve reflexão na visão de Agostinho.

O terceiro momento (capítulo 4), intitulado “a felicidade e a realidade escolar no século XXI”, apresentará os resultados obtido com a realização deste estudo e pesquisa de campo, construindo assim um diálogo entre o tema, o pesquisador e o pesquisado.

Por fim, apresentaremos as breves considerações finais obtidas com a construção deste trabalho acadêmico.

2 A BUSCA PELA FELICIDADE NA TRADIÇÃO PRÉ-AGOSTINIANA

A construção desse capítulo surge a partir da necessidade de uma melhor compreensão a respeito da temática apresentada. Com o intuito de levar-nos a compreendermos que para darmos início a discussão, é de fundamental importância abordarmos algumas características a respeito da felicidade como foco principal e assim explanarmos um pouco a respeito do mesmo.

Uma vez que de acordo como o processo histórico da humanidade busca-se por uma vida diferente da qual está vivendo, na busca constante de algo melhor, se distanciando cada vez mais das coisas e sentimentos de sofrimento, tristeza e dor, ou seja, procurando a felicidade. Este sentimento está presente no contos, mitos, poemas e diversas canções em diversas culturas, idiomas e dialetos em diferentes períodos da História.

Santo Agostinho (1991, p. 369), por exemplo, numa passagem de sua obra *Sobre a Cidade de Deus*, classifica, esta – a felicidade –, como um dos problemas ou bem que todos os homens procuram, ainda que não saibam onde encontrar:

É pensamento unânime de todos quantos podem fazer uso da razão que todos os mortais querem ser felizes. Mas quem é feliz, como tornar-se feliz, eis o problema que a fraqueza humana propõe e provoca numerosas e intermináveis discussões [...].

Bem como, na *Epístolas* 130 (4,9), ao aconselhar à rica viúva proba sobre o que pedir em oração, Agostinho enfatiza que a busca da felicidade é algo imanente ao homem, fazendo, assim, parte da natureza humana: todos os homens, bons e maus, desejam-na:

Todos os homens querem possuir vida feliz, pois mesmo os que vivem mal não viveriam desse modo, se não acreditassem que, desse modo, são, ou que podem vir a ser felizes. Que outra coisa te convém pedir se não o que bons e maus procuram adquirir, ainda que somente os bons consigam? (Agostinho, 1987, p. 24).

Inclusive, no livro XIX da supracitada obra *Sobre a Cidade de Deus*, diz que está - a felicidade -, é a razão de ser do filosofar:

Não há razão para o homem filosofar senão para que seja feliz; e o que faz com que este seja feliz é o fim bom; não há, por conseguinte, nenhuma causa para o filosofar, salvo a meta do bem; por essa razão, aquela que não segue o fim bom não pode ser dita seita filosófica (Agostinho, 1991, p. 383).

O certo é que, não obstante trata-se de uma busca constante e universal, esta é vista e vivenciada de formas distintas de acordo com cada tradição, requisitos e consideração na busca constante de alcançá-la. Portanto, essas nuances contribuem para a humanidade registrar a felicidade como algo complexo, pois não existe uma resposta simples ou absoluta.

De acordo com Bauman (2011), qualquer tentativa de dar por encerrado o aprofundamento quanto à reflexão sobre a felicidade torna-se um mero reducionismo, uma vez que estamos em uma sociedade inconstante, de forma que, o é certo hoje, pode se errar amanhã. Dessa maneira, a reflexão desse tema contribui para uma construção dissertativa conceitual. Diante disso, estamos muito distante de concluirmos uma resposta única a respeito da felicidade, ressalta assim, a importância de ampliarmos a discussão e a percepção sobre a temática apresentada.

Sendo assim, este capítulo apresentará uma breve contextualização das distintas definições de felicidade, dando início com uma breve definição e significado por alguns idiomas.

Em seguida, abordaremos a felicidade na visão filosófica dos gregos Platão e Aristóteles. Uma vez que a felicidade sempre foi um tema discutido desde a Antiguidade até os tempos atuais, entretanto, ao longo do tempo o mesmo tem sofrido diversas modificações as quais nos influencia até hoje.

A partir desse esclarecimento inicial, falaremos um pouco da felicidade na concepção agostiniana.

2.1 BREVE DEFINIÇÃO SOBRE FELICIDADE

Na busca de uma melhor definição de felicidade, existem diversas formas de ser compreendida. A palavra vem do latim *felicitas* vem de *felix*, do verbo grego *phyo*, “produzir”, apresenta a concepção de produtividade; Já na terminologia do francês *bonheur* surge do latim *bonum augurium*: “bom augúrio”, “boa fortuna”; no alemão *Glück* quer dizer “fortuna”, “acaso”; em inglês, a palavra *happiness* é proveniente da raiz irlandesa *happ*, “sorte”; no grego, felicidade vem de *eudaimonia*, influenciada por

Aristóteles, vindo a ser compreendida como possuir um bom *daimôn*, ou seja, um bom espírito (Lenoir, 2013).

Por mais distintas que seja as etimologias e idiomas, a palavra felicidade também sofre alterações em seus significados, como o próprio autor apresenta, sendo perceptíveis Aristóteles, acredita ser um fim em si mesmo; para Epicuro está baseada no prazer; Schopenhauer acredita que dependerá da sensibilidade de cada um; Voltaire defende a felicidade como a única coisa na vida que vale a pena possuir; Marx acredita que está ligada as questões sociais e econômicas; Kant ressalta que vem a ser um resultado de comportamento digno (Lenoir, 2013).

A felicidade passa a ser tratada com um olhar diferenciada. Nesse sentido, existem várias terminologias para felicidade, por mais que não haja um objetivo, as definições e metodologias, ao se tratar do estudo sobre a felicidade, proporcionam um novo olhar para fins didáticos, através de um aglomerado de dissertações, livros, artigos que tratam do tema em questão, permitindo apresentarmos o (**Quadro 1**), a seguir para um melhor esclarecimento a partir das mais diversas terminologia que permeiam o estudo da felicidade, assim, apresentamos o conceito, origem e a definição mais utilizada.

Quadro 1: Definições de felicidade

Conceito	Origem	Definição
Hedônico	Associado a Epicuro	Aquilo que diz respeito a uma experiência subjetiva de prazer. Também chamado de Hedonia.
Eudaimonia	Aristóteles	Uma ação voluntária da alma em consonância à virtude em direção ao verdadeiro <i>daimon</i> , ou verdadeiro <i>self</i> .
Bem-Estar	Economia; Psicologia	Conceito inicialmente associado a um estado de conforto material e rendimento econômico. Posteriormente incorporado pela área da Saúde e associado a qualidade de vida.
Bem-Estar Subjetivo	Ed Diener	Conceito dentro da Psicologia em que o julgamento do indivíduo sobre a frequência das emoções positivas e negativas experimentadas somadas à avaliação de satisfação com a própria vida determinam a felicidade.

Bem-Estar Psicológico	Carol Ryff	Conceito multidimensional no campo da Psicologia que identifica o desenvolvimento de seis dimensões essenciais para uma vida com qualidade: autonomia, domínio ambiental, crescimento pessoal, relações positivas com outros, propósito de vida e autoaceitação.
Bem-Estar Hedônico	Desconhecido	Esse termo não possui um conceito claro e nas poucas vezes em que é utilizado aparece junto com bem-estar subjetivo. Alguns autores defendem o não uso deste termo, justamente por causar confusão entre os conceitos.
Bem-Estar Eudaimônico	Ryan, R.M. & Deci, E.L.	Conceito dentro da Psicologia que aborda a eudaimonia enquanto articulação das atividades e experiências humanas no desenvolvimento das potencialidades individuais e das relações sociais valiosas.
Hedonismo	Aristipo de Cirene	Termo empregado em sentido moral para designar cada doutrina segundo a qual o prazer é o único ou principal bem da existência e sua busca, a finalidade ideal da conduta, embora com divergências no que concerne ao conteúdo desse prazer e aos caminhos para obtê-lo.
Eudaimonismo	Derivação dos conceitos aristotélicos	Teoria ética que considera o anseio da felicidade como o principal motivo da conduta humana, tanto pessoal como coletiva, e que todas as ações que levam à felicidade são moralmente boas e aceitáveis.

Fonte: Autoria própria, 2024.

Como o quadro acima apresenta, não há um consenso quanto a definição de felicidade, sendo assim, ao buscarmos a definição sobre felicidade, surge uma visão particular, pessoal. Por mais que definir a palavra felicidade seja algo subjetivo e individual, Myers e Diener (1995), explicam que isso ocorre devido a influência de possíveis julgamentos que possam surgir. Ao estudar a possível definição de felicidade, surge as mais diversas formas de ser compreendida, com um olhar empírico.

Através da investigação o pesquisador poderá estudar e se aprofundar dentro do meio social, ou seja, de um grupo de pessoas, país e população, seria algo possível

caso houvesse um adequado instrumento de pesquisa, permitindo ao pesquisador construir as mais diversas fontes teóricas e filosóficas ao longo do tempo para a construção de instrumentos que atendessem ao objetivo de avaliar a felicidade das pessoas.

2.2 FELICIDADE NA VISÃO FILOSOFICA GRECO-ROMANA

2.2.1 A concepção de felicidade em Platão

A partir deste tópico, buscamos construir uma explicação a respeito da felicidade construída dentro da proposta da filosofia. No entanto, vale ressaltar que mesmo dentro da visão filosófica é preciso respeitar duas colocações. A primeira, quando é abordado a questão da história da vida, em outras palavras, trata-se do que os filósofos se dedicaram a estudar e, a segunda questão, do processo histórico pelo qual eles se pronunciaram em determinado momento acerca do assunto. Uma vez que seja em momentos de paz ou de guerra, a própria concepção ou visão de felicidade sofrerá alteração.

Foi em meados de 420 a.C., através da fala de Péricles que a questão da felicidade foi amplamente debatida em Atenas. O mesmo ressaltava que o Estado tinha por responsabilidade ofertar a felicidade aos cidadãos através da democracia, proporcionando aos atenienses reviverem a Idade de Ouro. Contudo, é preciso ressaltar que os mesmos passavam por momento difíceis, com guerras constantes, humilhações e a queda da democracia, colocando por terra a harmonia dos gregos. Foi nessa perspectiva que os filósofos discutiram à respeito de felicidade e, com a falta de condições proporcionadas pelo Estado em oferta-la.

Dentro dessa contextualização na busca de um melhor entendimento, explanaremos de forma breve algumas visões de felicidade propostas pelos principais filósofos gregos antecedentes a Agostinho, principalmente os que mais tiveram sua parcela de contribuição para a ideia agostiniana de felicidade. Portanto, daremos início através da filosofia clássica grega e a qual será interligada com a filosofia romana, e assim, chegando ao período da Patrística, onde está instalado nosso Filósofo de Hipona.

É importante explicar que devido a dimensão da filosofia grega, torna-se inatigível explorarmos tudo o que foi falado desde sua origem, sendo assim,

iniciaremos a explanação a partir da visão de Platão, por compreendê-lo como um dos filósofos gregos de maior contribuição e participação na construção tanto da filosofia ocidental quanto a agostiniana. Sendo assim, Werner Jaeger (1986, p. 401) explica que:

Todos os séculos da Antiguidade que se seguiram a ele ostentam na sua fisionomia espiritual traços da filosofia platônica (por mais metamorfoseada que esteja), até que por fim o mundo greco-romano se unifica sob a universal religião espiritual do neoplatonismo. A cultura antiga, que a religião cristã assimilou e à qual se uniu para entrar, fundida com ela, na Idade Média, era uma cultura inteiramente baseada no pensamento platônico. É só a partir dela que se pode compreender uma figura como a de Santo Agostinho, que traçou a fronteira histórico-filosófica da concepção medieval do mundo, por meio da sua *Cidade de Deus*, tradução cristã da *República* de Platão.

No entanto, vale ressaltar que a filosofia de Platão está fundamentada sobre a própria cultura grega, cultura esta que levou aos grandes filósofos a convicção de que a filosofia seria um dos caminhos para a felicidade. Consequentemente a sabedoria passou a ser vista como a finalização da filosofia, deixando assim de ser agraciada como um conhecimento teórico, mas sim, um conhecimento posto em prática, tendo portanto, o objetivo da vida a felicidade.

Porém, para podermos adentrarmos na ideia de Platão a respeito da felicidade, é importante ressaltarmos que foi a partir de Sócrates que a felicidade passou a ser tratada como problema filosófico. Assim, é importante ressaltar que os gregos sempre compreenderam a felicidade como *eudaimonia*, ou seja, se buscava como realização autossuficiente e perfeita.

Torna-se perceptiva que os fundamentos a respeito da felicidade grega foi sendo construída nessa conjuntura, de forma que, nesse momento, a felicidade ainda não é tida como um problema filosófico, o que pode ser constatado nesses pensadores são apenas percepções da felicidade, pelas quais se caracterizam mais como um ato de advertência em relação de como os cidadãos deveriam elencar sua vida.

De acordo com Demócrito (*apud* Oliveira; Reale, 2007, p. 90), é a partir desse momento que Sócrates buscou se aprofundar na fundamentação sistêmica, visando um método filosófico, tendo como base à associação as questões da virtude.

Portanto, Sócrates passa a se alimentar da ideia que a felicidade não se origina do exterior, mas na alma, pois está é a essência da felicidade, ou seja, para se ter a

felicidade é preciso vivenciar a virtude. Nessa concepção, Antiseri e Reale (2007), ressaltam que Sócrates considera a feliz com quem é honesto e bom, quer seja homem quer seja mulher; o desonesto e mal é infeliz.

Logo, na prática da virtude a vida proporcionará uma harmonização espiritual, que é o caminho para a felicidade. Contudo, é importante ressaltarmos que Sócrates apresenta uma subexistência entre as questões sociais, culturais identitárias dos gregos em relação a felicidade, onde os mesmos acreditavam ser uma dádiva alcançada através dos deuses, e sendo assim, era muito comum recorrerem à cosmogonia na busca da compreensão dessa questão.

Seguindo uma conduta correta, íntegra, não se indispondo com as divindades, buscavam sempre momentos de sabedoria, dessa forma a felicidade passa a ser vista como um bem instável que dependerá tanto da sua conduta como ser humano quanto com as boas vontades dos deuses. Foram Sócrates e Platão que permitiram o aprendizado para a felicidade, a qual qual vinculava à ações dos deuses e a ação do homem na *polis*, conforme comenta Nicholas White (2009, p.1):

No *Górgias* e na *República*, ele tomou como início o reconhecimento de que temos desejos, objetivos, impulsos etc. plurais e conflitantes, e que, de alguma maneira, temos de lidar com este fato. Ele pode não ter sido o primeiro a perceber o fato da pluralidade do conflito, mas foi o primeiro a reagir sistematicamente a ele.

É importante ressaltar que Platão contestou esta instabilidade dos desejos através uma felicidade estável, característica presente no perfil ético eudaimonista grego, bem como na filosofia tanto romana quanto agostiniana.

Nesse processo o mundo material para Platão passa a ser compreendido pelo sentido que em alguns momentos percebeu uma instabilidade. Instabilidade está que ficou claro não sendo uma forma de se alcançar a felicidade. Portanto, para o homem alcançar a felicidade, o mesmo precisa se libertar dos sentimentos de ilusão e começar a seguir uma nova direção para ideias concretas e reais. Pois, somente através da realidade é que se alcançará o conhecimento supremo, sendo esta a forma legível, eterna para a felicidade.

Fica claro que a felicidade é algo que dependerá de diversos fatores, que através da harmonização com a alma racional, conspirará para a supervisão da racionalidade. Platão aconselha a prática da ginástica e da dialética, pois através das atividades físicas o ser humano poderá dominar os pontos negativos do seu corpo; e

através do diálogo, conforme Platão (2004) explicou o munto tornará mais sensível e inteligível, tendo um encontro perfeito de sentimentos, pensamentos, ideias para a construção de um novo conhecimento, para a realidade verdadeira.

Apresentamos, portanto, a felicidade completamente voltada a concepção da virtude. Sendo essa colocação de exclusividade platônica, mais já estando ligada à outros autores da literatura grega, como podemos observar de acordo com Valcicléia Costa (2004, pp. 13-14):

A visão do que os gregos concebiam por felicidade pode ser compreendida por duas formas: uma concepção legada pelos poetas e trágicos, que relaciona a felicidade com a prosperidade, e outra, que desvincula a felicidade da prosperidade e a relaciona a bens psíquicos percebidos externamente pela prática da virtude.

Diante do fato exposto a felicidade nesta última compreensão tanto por Platão quanto Agostinho, recebeu uma nova representatividade como foi apresentando anteriormente. Ao herdar, a partir da ética socrática, o filósofo Platão tornou-se o primeiro a por por escrito a defesa da justiça, sendo ela tida como a virtude por excelência, seja pelas questões sociais quando humanas.

Ainda segundo a supracitada comentadora, dentro dessa contextualização, fica claro o surgimento de sentimentos como ódio, brigas entre os homens, a partir das injustiças presenciadas, ao contrário do sentimento de justiça, que proporciona sentimentos de paz, cordialidade, amizade, entre outros. Essa visão vem forçada quando Platão afirma que “a alma justa e o homem justo viverão bem, e o injusto, mal [...], e aquele que vive bem é feliz e afortunado e o que vive mal, o contrário” (Costa, 2004, pp.37-41).

Portanto, fica claro que a visão de Platão a respeito da felicidade, está interligada as questões políticas. Nesse contexto, é preciso lembrarmos que tanto a ciência quanto a política eram as ciências que concebia a política-filosófica como o caminho para o bem de todos, ou seja, da sociedade da época. Vindo a refletir de forma significativa na filosofia e pensamento de Agostinho, ao apresentar ser apresentada como a universalização da felicidade, questão está explícita por Agostinho de Hipona.

2.2.2 A concepção de felicidade em Aristóteles

Dentro dessa linha de pensamento a respeito da felicidade, a concepção para Aristóteles (2001) vem sendo abordada em sua obra *Ética a Nicômaco*. Na busca de uma melhor compressão do que se trata a felicidade é necessário abordarmos inicialmente a respeito do sentidos do que seria bom para o homem e quais seriam os bens que ortariam vantagens para os mesmos, principalmente quanto se trata da vida humana.

Para darmos continuidade é preciso construirmos um determinante do que é preciso fazer para alcançar a felicidade, qual a finalidade natural da humanidade para que melhor possa determinar este sentimento. Conforme Maritain (1973, p.52), as ações para o bem racional feito pelo homem o proporcionaria a realização conveniente para o seu bem estar, solucionando dessa maneira os sentimentos de angustia presente.

Ainda conforme o autor (1973, p.52), Aristóteles vivenciava uma busca constate na tentativa de definir o que é felicidade. Em outras palavras a felicidade tão falada por todos, de uma forma inicial construiu uma ligação com a natureza se relacionando com o homem. Sendo a partir daí, a o processo iniciatória da definição que abraçava questões como o bem-estar, o prazer, a ética, a honra, a virtude, para que assim fosse possível alcançar a felicidade.

Contudo, é preciso ressaltarmos que ao realizar as referências, todas levam ao mesmo caminho, ou seja, a univesalização presente em todos os casos, assim, para Aristóteles ao construir a proposta de separação gerou alguns indagações a partir do que agregava o bem atingível e a realização como um padrão imposto pela sociedade, sendo assim, o surgimento da necessidade de nos conhecermos melhor e verdadeiramente para que assim, torne-se possível alcança-los (Aristóteles, 2003, p.24).

De acordo com Aristóteles (2003) tudo tem seu início e fim, e é esse fim que dá a existência para as coisas que buscamos construir e que almejamos em nos mesmo, contudo, o fim nos leva para o caminho do bem ou do mal. Dessa forma, o bem absoluto na visão de Aristóteles chama a atenção para o que é desejado por todos à felicidade. Onde o mesmo discorda sobre o que realmente é bom e o que pode nos prejudicarmos ou até mesmo prejudicar ao próximo.

Desse modo é preciso busca com certeza a partir a permissão da natureza

em determinando assuntos, uma vez que cada ser tem sua particularidade, onde a forma em que se vive tem buscas e objetivos totalmente distintos.

Diante de tudo isso, podemos entender que a concepção de felicidade em Aristóteles é explorada em sua obra *Ética a Nicômaco*. Para entender a felicidade, Aristóteles primeiro examina o que é bom para o homem e quais bens trazem vantagens, especialmente na vida humana. A felicidade, segundo ele, está relacionada à finalidade natural da humanidade e envolve a realização de ações racionais e virtuosas.

Aristóteles propõe que a felicidade é o bem supremo desejado por todos, ligada ao bem-estar, prazer, ética, honra e virtude. Ele sugere que, para alcançar a verdadeira felicidade, é necessário um conhecimento profundo de si mesmo. Aristóteles argumenta que todas as coisas têm um início e um fim, e que a busca pelo bem absoluto conduz à felicidade.

Assim, a felicidade para Aristóteles é alcançada através da razão em harmonia com as virtudes, destacando a importância de viver de acordo com a natureza e buscando objetivos pessoais e distintos.

2.2.3 O conceito de felicidade nos pensadores helenísticos

A ideia da filosofia como modo de vida surge na Grécia, no período helenístico, período este que se estende do fim do século IV a.C. ao fim do século I a.C., em que o foco da filosofia deixa de ser a formação dos homens para a vida política, provavelmente pela mudança do regime grego que, outrora democrático, tornou-se monárquico trazendo consigo diversos aspectos não favoráveis à liberdade política. Neste período as produções filosóficas estavam centradas na construção de modelos ideais de vida. Se antes a filosofia era uma arma para a retórica, um instrumento de debate e reflexão das leis da ágora, agora ela é um conjunto de prescrições do bom-viver, manuais da vida correta. É válido dizer que mesmo que o foco tenha sido o uso da filosofia como um remédio para os desconfortos da existência,

[...] os filósofos da época helenística [...] jamais se desinteressaram da política, desempenhando sempre o papel de conselheiros dos príncipes ou embaixadores de uma cidade. [...] Os estoicos tiveram um papel importante na elaboração de reformas políticas e sociais em vários estados [e] algumas vezes eles se [opuseram] corajosamente aos imperadores romanos (Hadot, 2014, p. 143).

Como diz o próprio Hadot, na atualidade, nossas relações com nossos professores são unicamente a de troca de informações em que o aluno as absorve pelo uso profissional da informação, porém, sem nenhuma ideia prévia de que deve associá-la ao modo de vida, no dia a dia, cotidianamente. Entretanto,

Na antiguidade isso acontece de outra maneira. Nenhuma obrigação universitária orienta o futuro filósofo para esta ou aquela escola, mas é em função do modo de vida que nela se pratica que o futuro filósofo passa a assistir a aulas na instituição escola de sua escolha. (Hadot, 2014, p. 148).

Quadro 2: As principais Escolas surgidas no séc. a.C.

ESCOLAS	IDEIA	CONCEITO
CÍNICOS	Filósofos da contracultura	“Fundada” por Antístenes e protagonizada por Diógenes de Sínope, o cinismo, um movimento filosófico de contracultura da antiga Grécia, rejeitava as regras e os ritos da civilização. A filosofia cínica é unicamente uma escolha de vida, a escolha da liberdade, da total independência (<i>autarkeia</i>) das necessidades inúteis, a recusa do luxo e da vaidade. [...] O cínico escolhe seu gênero de vida por considerar que o estado de natureza (<i>physis</i>), tal qual se pode reconhecer no comportamento do animal ou da criança é superior ao da civilização. (HADOT, 2014, p. 163).
PIRRONISMO UMA ÉTICA DO CETICISMO	Uma ética do ceticismo	Pirro analisando a lógica de seus tratos ou a estilística de seus textos, sendo que o mesmo também não deixou

		nada escrito para a posterioridade. É nos relatos de sua vida que encontramos suas curiosas ideias sobre a adequada conduta, sua indiferença e sua postura ataráxica. Vendo um dia seu mestre Anaxárco caído num pântano, passa sem o socorrer, e Anaxárco o felicita, louvando sua indiferença e imperturbabilidade. (WARBURTON, 2016, p 166).
ESTOICISMO	Apatia como caminho para a <i>Eudaimonia</i>	Fundada por Zenão no final do século IV a.C. e posteriormente revivida por Crisipo no século III, o estoicismo é uma filosofia cuja escolha fundamental é a apatia, ou ao menos, o controle das expectativas. Compreender a naturalidade das tragédias e o não controle que temos sobre as coisas a nossa volta, a independência que as causas exteriores tem em relação as nossas vontades, mantendo-se em harmonia com a natureza, esta é a filosofia estoica. (Hadot, 2014, p. 188)
EPICURO O PRAZER É O INÍCIO E O FIM DA VIDA FELIZ	O prazer é o início e o fim da vida feliz	Para Epicuro, a felicidade é possível aqui na terra e o caminho para essa felicidade é a moderação dos prazeres e o combate dos nossos medos, “o epicurismo estabelece claramente o objetivo: ‘cuidar da própria cura’”

		(CIANNI, 2009, p. 119), o anfitrião do jardim dirá que o prazer da vida não está nos banquetes e festas interruptos e sim na habilidade de conseguir se satisfazer com pão e água. Epicuro classifica os desejos como: naturais e necessários, naturais e não necessários e os não naturais e os não necessários.
--	--	---

Fonte: Autoria própria, 2024.

Como podemos observamos na tabela acima foi em Atenas que originou a aproximadamente 4 (quatro) séc. a.C., as escolas apresentadas as 4 (quatro) Escolas filosóficas que tem como base platônica, aristotélica, estoica e epicurista, uma vez agregadas originou 2 (dois) movimentos de grande importância para a estruturação das Escolas apresentadas, o primeiro foi o pirronismo que vem trazendo a superação do juízo, já o segundo o cinismo voltado para questões que agregam questões do pensionamento de contracultura.

Segundo Hadot (2014, p.154), foram as Escolas e suas classificações que permitiram uma nova formulação estrutural dentro do conceito do pensamento, ou seja, ambas dão para o campo escolar dois modos de olhar a vida.

De um modo geral fica claro suas contribuições, a partir Diógenes, a figura mais célebre desta escola, viveu como um sem-teto, um mendigo dentro de um túnel. Podendo ser chamado até de “Sócrates enlouquecido”. Possuía comportamentos consideravelmente imorais como masturbar-se em público e posteriormente pronunciar enunciados como “se pelo menos fosse possível acalmar a fome esfregando-se assim no ventre!”. Quando convidado por nobre para conhecer sua suntuosa residência, ao entrar na casa, dizem que Diógenes foi advertido a não cuspir no chão.

Nosso cínico então cospe no rosto do anfitrião que o advertiu, dizendo que em toda casa não poderia encontrar lugar mais adequado.

Construindo uma linha de pensamento com Diógenes, podemos comparar a figura de Pirro a de Sócrates, porém, um Sócrates mais extravagante ainda. Pirro,

discípulo de Anaxárcos, colocou em dúvida todas as coisas. Se abstraímos o mundo através dos nossos sentidos e eles às vezes nos enganam, então nunca podemos ter certeza, logo, nunca podemos ter um juízo final acerca dos fenômenos.

O pirronismo nos ensina a prática da indiferença através de uma suspensão do juízo, a prática da *Epoché*. Assim, como outros filósofos deste período, não entenderemos Pirro analisando a lógica de seus tratos ou a estilística de seus textos, sendo que o mesmo também não deixou nada escrito para a posterioridade.

Já quando partimos para estoicismo sendo fundado por Zenão, ou mesmo ressalta que a felicidade não consiste no prazer ou no interesse individual, mas na exigência do bem, ditada pela razão e que transcende o indivíduo e sua experiência estoica consiste em uma tomada de consciência aguda da situação trágica do homem (Hadot, 2014, p. 188).

Uma vez que para Epicuro (2002), a felicidade é possível aqui na terra e o caminho para essa felicidade é a moderação dos prazeres e o combate dos nossos medos, “o epicurismo estabelece claramente o objetivo: ‘cuidar da própria cura’” (Cianni, 2009, p. 119), o anfitrião do jardim dirá que o prazer da vida não está nos banquetes e festas interruptos e sim na habilidade de conseguir se satisfazer com pão e água. Epicuro classifica os desejos como: naturais e necessários, naturais e não necessários e os não naturais e os não necessários.

Para atender à solicitação Agostinho ressalta em sua obra *De Trinitate*, Livros IX – XIII, mais precisamente no Capítulo 7, p.13, ao explicar que “não há vida feliz sem a existência da felicidade”.

Portanto, Agostinho, explica que a felicidade verdadeira está enraizada em uma relação correta com Deus. Ele argumenta que a felicidade autêntica não pode ser alcançada apenas através da satisfação dos prazeres terrenos ou da moderação destes, como propõe Epicuro. Em vez disso, Agostinho sugere que a verdadeira felicidade é uma condição espiritual e transcendente, que deriva da comunhão com Deus e da realização do bem supremo.

Agostinho vê a felicidade como um estado de bem-aventurança que é intrinsecamente ligado à presença e à graça de Deus na vida do indivíduo. Ele acredita que o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, encontra sua verdadeira felicidade quando vive em harmonia com a vontade divina. Assim, a busca pela felicidade implica uma transformação interior e um alinhamento com os valores e princípios divinos.

Essa perspectiva agostiniana reflete uma dimensão transcendental da felicidade, que vai além da mera satisfação dos desejos sensoriais ou da busca pela ausência de dor, como no caso do epicurismo. Para Agostinho, a felicidade é um dom que se manifesta plenamente na vida eterna, onde a alma encontra repouso e alegria na contemplação de Deus.

Ao contrapor essas visões, podemos perceber a profundidade da discussão filosófica sobre a natureza da felicidade. Enquanto Epicuro foca na gestão dos prazeres e na superação dos medos para alcançar uma vida tranquila, Agostinho direciona a busca da felicidade para uma dimensão espiritual e eterna. Essa análise é fundamental na formação dos jovens alunos do Ensino Médio, pois os incentiva a refletir sobre suas próprias concepções de felicidade e a explorar diferentes abordagens filosóficas para entender melhor sua condição humana e seu propósito de vida.

3 A FELICIDADE EM SANTO AGOSTINHO

Na concepção de Agostinho de Hipona, a “felicidade verdadeira” está baseada na satisfação dos desejos. Em outras palavras, a felicidade abrange a satisfação e plenitude dos desejos da humanidade, contudo, é importante ressaltar que não se trata de qualquer desejo, satisfação que proporcioná a esta humanidade a felicidade plena. De acordo com Agostinho, a “felicidade verdadeira” esta na busca constante do conhecimento da verdade que está dentro de si mesmo.

Agostinho observa que isso significa apegar-se a vertente divina, ou seja, para ele a “verdadeira felicidade” estaria centrada em Deus, ou seja, a felicidade é a busca e contemplação das verdades que estão em Deus, que é o ser supremo e grandioso.

O Santo Filósofo fez todo seu estudo voltado para a busca do ser humano pela felicidade; essa busca foi a tentativa de resolver seus problemas e suas angústias. A busca da felicidade é algo que já faz parte do ser humano e todos a desejam. Ele acreditava que a felicidade não estava em qualquer coisa e, sim, na posse do bem supremo. Esse bem absoluto e perfeito que está somente em Deus. Só estando com Deus garante a felicidade e somente existirá vida feliz se possuímos esperança de chegar algum dia nesse bem supremo. Essas suas convicções encontravam-se centradas em suas experiências de vida:

Ele pôde perceber que a felicidade não se manifesta de forma única, pronta e acabada, tendo em vista que no decorrer da vida é possível experimentar novas formas de felicidade, e, para o pensamento agostiniano parece afluir no sentido de as ‘coisas’ serem percebidas pelo senso unitário e coerência que vem pela experiência vivenciada (Sousa, 2021, p. 66).

Esse bem permanente que falamos é aquele que não sofre nem um tipo de variação do tempo, conforme diz no diálogo *Sobre a Vida Feliz*: “ora, não podemos adquirir à nossa vontade, tampouco conservar para sempre, aquilo que é perecível e passageiro (Agostinho, 1998, p.129).

O Bispo de Hipona, inteiramente submisso à fé cristã e sob forte influência da tradição grega eudemonista, desenvolveu uma filosofia prática, fundamentalmente ético-moral, que, exaltando a virtude e se desvencilhando dos valores meramente temporais, buscava a felicidade naquilo que não é perecível. Pois, tudo que é sujeito

ao tempo pode ter a sua natureza afetada pelo mal, que, em seu entendimento, é ausência ou distorção daquilo que é bom (Paula; Melo, 2011).

Reconhecendo, então, que somente Deus é eterno e não está sujeito ao tempo, não podendo ser perdido ou modificado, entendia que buscar a felicidade era, inevitavelmente, buscar a Deus. Porém, sabia não ser através dos próprios esforços que o homem chega a Deus, posto que Ele é infinito, então, necessário se faz o auxílio divino: a graça (Gomes, 2014).

Agostinho ainda em seus escritos faz uma analogia de que a alma necessita de alimento, pois assim como o corpo humano necessita do mesmo para manter as suas funções vitais, funcionando, a alma quando privada de alimento espiritual este fica vulnerável as malignidades (Costa, 2012).

Quanto a ignorância, a mesma estavam relacionadas a perversão moral, salientando que este é obtido de maneira isolada; o filósofo ainda aborda a questão da frugalidade para ele corresponde ao elemento mais belo da virtude, pois encontra-se relacionado a alma esta preenchida de conhecimento (Gilson, 2006).

Quanto a *nequícia* é o oposto da frugalidade, pois para o filósofo o mesmo corresponde a uma alma viciada e vazia, contudo, o que vai determinar se o homem irá desenvolver a frugalidade ou a *nequícia* é a quantidade e a qualidade de alimento que este adquirir ao longo do tempo e, é este um fator determinante para se alcançar a felicidade (Vaz, 2023).

Ainda nas palavras do Santo Filósofo, observa-se que havia divergência de ideias com relação a felicidade, pois uma hora ele afirmava que ninguém poderia ser feliz sem possuir o que deseja e que se possuísse o que desejasse não seria uma garantia para a obtenção da felicidade, sendo assim, para resolver esse impasse ele afirma que era necessário que o homem soubesse o que realmente queria para que desse modo, a sua busca por felicidade não fosse totalmente frustrada (Vahl, 2016).

Desse modo, as ideias agostinianas defendem que a busca de Deus está intrinsicamente ligada a felicidade, pois só poderá obter está se estiver a outra sendo assim, a obtenção da felicidade não está ligada a posses materiais, mas a algo incorpóreo que se encontra na natureza da alma e esta é considerada imutável (Vaz, 2023).

Assim, Agostinho apresenta a necessidade existente na humanidade pela busca constante de Deus, que os motivam para a felicidade, acreditando dessa forma que somente assim, elas também serem felizes. Em nenhum momento Agostinho

afirma que alguém que alcançou algo que deseja não seja feliz, mais também não afirmou que seja feliz, devido a diversas eventualidades que surgirá a qualquer momento. Portanto, é preciso está em constante busca e desejo por algo, até alcançá-lo para acreditar que estará em plenitude da felicidade, que não somente duradouro, mas que não exista a possibilidade de o deixar de ter.

3.1 A PROCURA DA FELICIDADE E UMA BREVE REFLEXÃO NA VISÃO DE AGOSTINHO

A procura pela felicidade na visão de Agostinho é algo grandioso, em outras palavras é uma concepção que tende a se tornar motivacional entre os homens. Este tema foi bastante abordado não só no diálogo *Sobre a Vida Feliz*, mas em muitas de suas obras, por exemplo, no livro X de *Confissões*, a partir do momento que indaga como ou onde encontrar a Deus, onde termina por fazer uma uma ligação entre Deus e a felicidade: “[...] como devo procurar-te, Senhor? Quando te procuro, ó meu Deus, procuro a felicidade da vida. Procurar-te-ei para queminha alma viva. O meu corpo, com efeito, vive da alma, e a alma vive de ti” (Agostinho, 2012, p.77).

É possível percebermos na afirmação de Agostinho dois pontos de grande importância para a construção do homem: o corpo e a alma. O refere-se na verdade é que importa são os desejos da alma, deixando os anseios do corpo em segundo plano. Sendo assim, para o homem vivenciar a plenitude da felicidade, o mesmo precisa estar sempre na busca do seu bem estar, que virá saciá-lo por completo.

Ressaltamos que Agostinho deixa claro que a sabedoria interior não deixará o homem infeliz, pelo contrário o tornará sábio. Assim, “[...] como poderia ser infeliz aquele que nada acontece contra asua vontade? Pois ele não chega a desejar o que vê ser irrealizável. Sua vontade dirige-se somente a coisas possíveis?” (Agostinho, 1998, p. 79)

Fica claro que a felicidade será alcançada através da sabedoria, de como o homem direciona seus desejos. Sendo assim, a sabedoria do homem não está fixado em apenas nos seus desejos conveniente para sua própria felicidade, mas da sabedoria que o levará para o bem maior, no caso sua aproximação com Deus.

Portanto, a busca pela felicidade é tentar saciar por complento os anseios e desejos da alma. Onde fica claro que o homem vive na busca constante por uma

felicidade através de suas conquistas e desejos, acreditando que possa realmente o suprir.

A respeito desta questão Agostinho relata que o homem precisa buscar e alcançar um bem permanente, o deixando livre das alterações tanto da sorte quanto das tribulações da vida. Presentemente não vivemos pela nossa própria vontade, assim como, não conseguimos manter para sempre, algo que é efêmero e passageiro. (Costa, 2012).

Na compreenssão de Agostinho o homem que tem Deus é um ser que alcançou a felicidade, vez que Deus é eterno e imutável, o homem passa a estar livre das adversidades que ao longo do tempo venha surgindo. O homem que procura pela felicidade é o mesmo homem que não encontrou a Deus e assim, ficando preso e sujeitos ao tempo.

Dando continuidade, este tópico abordará a feflexão dentro da visão e do desejo para o alcance da felicidade agostiniana, nesse momento afirma que ao encontrar a “verdadeira felicidade” agregou para sua vida algo ainda mais importante - a paz, paz está que ao não ser encontrada exteriormente, mas sim, através do seu interior da sua alma, algo invísivel para os olhos.

Dessa farma na concepção do Bispo de Hipona, não é preciso apagar os bens materiais conquistados pelos homens, mais dar um novo olhar com mais resposabilidade, e investir mais nas conquistas do interior da alma, que permanecerão para sempre dentro de si. Este pensamente nos faz lembrarmos ao aforismo platônico, quando diz: “[...] conhece a ti mesmo” (Costa, 2012, p. 40). Aqui, Platão explica que a partir do momento em que você conhece a si mesmo, este está voltado para o interior da alma, onde mora a verdade e o perfeito conhecimento.

Assim, o homem que está sempre a procura da “verdadeira felicidade”, na verdade ele precisa estar direcionado para o seu interior. Fazendo um despendimento do materialismo e se elevando ao universo espiritual de sua alma (Fernani, 2015).

Ficando claro no livro X de *Confissões*, Agostinho em um período de sua vida, de forma errada, buscou a verdade e a paz na pressa através das coisas terrenas, ou seja, bens materiais, contudo, a “verdadeira felicidade” seria encontrada no interior de sua alma.

A busca pela felicidade é algo desejando por todos os seres humanos, onde vem se desdobrando ao longo do tempo para compreender que este sentimento jorra

do interior da alma, pois é lá que habita a “verdadeira felicidade”. Na visão de Agostinho a “verdadeira felicidade” está ligada a ética que levará o homem para plena felicidade, em Deus.

3.2 A FELICIDADE NA CONCEPÇÃO AGOSTINIANA

A construção dessa discursão vem dentro do viés a respeito da felicidade ainda dentro da Filosofia Antiga. Um sentimento almejado por todos os seres humanos veio levando ao longo dos anos à reflexões no campo da Filosofia. De acordo com Vera Albornoz (2000) os filósofos da época se obtiveram no compromisso de contextualizar a felicidade junto ao campo da sabedoria, sendo algo reflexivo para a construção da vida de todos nós. Ficando claro o compromisso da filosofia em se trabalhar a questão da felicidade na sua complexidade reflexiva.

Sendo importante ressaltarmos que os séculos a.C. deram origem a diversas correntes de pensamentos que foram importantes para a filosofia dentro da questão da felicidade, como: o epicurismo e o estoicismo, que enfatizaram a felicidade como algo que precisa ser construído através de ações, comportamentos, pensamentos do ser humano, para que assim, possam construir uma direção correta para a felicidade.

Na constituição filosófica grega a felicidade estava ligada à sabedoria. Desse modo a sociedade vivenciava a felicidade através da sua vivência sábia racional. Sendo assim, para Aristóteles (2001), tanto a Filosofia grega quanto os pensamentos estoico e neoplatônico, estiveram presentes na construção das ações e pensamentos de Agostinho. Sendo nesse momento que o Filósofo de Hipona realiza algo voltado para a cristianização em sua filosofia sobre a felicidade.

Pensando assim, a felicidade a ser conhecida como *eudaimonia* que tinha como significado um bom espírito ainda na Filosofia grega. Vindo a receber atribuições dos filósofos gregos Platão e Aristóteles como um sentimento a ser construído e alcançado a partir da sabedoria posta em prática.

Na visão de Aristóteles a felicidade é vista como um sentimento que agrega outras virtudes e qualidade que fazem parte do caráter de cada ser humano. Estando interligada a concepção e visão de Agostinho, ou seja, o mesmo acredita que a associação da sabedoria faz parte da construção do caráter individual de cada ser (Aristóteles, 2001, p. 222).

Contudo, para Platão vai mais além, para ele a felicidade não está apenas associada a sensibilidade do mundo, mas sim, ao inteligível das visões, concepções e ideias na construção mais perfeita do bem. E é neste momento que se mais aproxima a Agostinho a “verdadeira felicidade”, pois trata de algo que não está apenas na satisfação ligada ao corpo, mas sim, em características metafísicas que buscam a satisfação, a realização da alma sedenta pela verdade plena (Platão, 2009).

No diálogo *Soliloquios*, Agostinho. Em outras palavras, a felicidade é vista como algo que perpassa a verdade que a alma buscava encontrar.

Na busca de uma melhor compressão a respeito da visão da felicidade em Santo Agostinho, é preciso lembrar que este sentimento está completamente fundado na conversão. Onde a sua vida foi completamente marcada pela procura constante da verdade sentido para sua existência. Sendo assim, Agostinho em diversos momentos se encontrava sedento por respostas para lhe definir em seus momentos de reflexão quando abordava a existência do homem.

Em sua busca constante Agostinho se converte, na tentativa de encontrar a verdadeira resposta, dedicando-se ao longo de sua vida à estudos filosóficos conciliando com o que já havia adquirido. Que posteriormente iniciou à sua produção escrita abordando tema como a felicidade em suas obras.

Na concepção agostiniana, a felicidade é profundamente enraizada em uma relação com Deus e na busca da verdade divina. Santo Agostinho, um dos mais influentes teólogos e filósofos cristãos, vê a felicidade como um estado de beatitude que só pode ser plenamente alcançado através da união com Deus. Para ele, a verdadeira felicidade não pode ser encontrada nas coisas terrenas, mas somente em Deus. Deus é a fonte última de toda alegria e contentamento, e o coração humano só encontrará descanso quando estiver em comunhão com Ele, conforme expressa em suas “*Confissões*”: “Fizeste-nos para Ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em Ti” (Agostinho, 1988, p. 23).

A felicidade suprema, na concepção agostiniana, é a visão beatífica, que é a visão direta e imediata de Deus. Esta é a meta final da existência humana, e só será plenamente realizada na vida após a morte, onde os justos verão Deus face a face e experimentarão uma alegria eterna e completa. Para Agostinho, a felicidade também está ligada à vida virtuosa e à correta ordenação do amor (*ordo amoris*). Ele acredita que a virtude é essencial para a felicidade porque orienta a pessoa a amar as coisas de acordo com sua verdadeira importância, colocando Deus acima de tudo. O amor

desordenado, que coloca as coisas terrenas acima de Deus, leva ao sofrimento e à infelicidade.

O conhecimento de Deus e a sabedoria são cruciais para a felicidade. Agostinho enfatiza que a busca da verdade e o entendimento da natureza divina são caminhos que levam à verdadeira felicidade. A ignorância, especialmente sobre Deus, é uma barreira para alcançar a verdadeira alegria. Além disso, Agostinho sublinha que a felicidade é um dom da graça divina. O ser humano, devido ao pecado original, é incapaz de alcançar a verdadeira felicidade por seus próprios esforços. Somente através da graça de Deus, manifestada na redenção através de Jesus Cristo, pode-se superar o pecado e entrar em comunhão com Deus, que é a fonte da felicidade.

Agostinho também faz uma distinção entre as alegrias temporais e a felicidade eterna. As alegrias terrenas são passageiras e frequentemente ilusórias, enquanto a felicidade que vem de Deus é eterna e imutável. Portanto, a busca da felicidade deve focar no eterno, não no transitório. Em resumo, a concepção agostiniana de felicidade é teocêntrica e transcendental, enfatizando que a verdadeira alegria e contentamento só podem ser encontrados em Deus. A união com Deus, através da vida virtuosa, do conhecimento divino e da graça, é o caminho para alcançar a felicidade suprema e eterna.

4 A FELICIDADE E A REALIDADE ESCOLAR NO SÉCULO XXI

Neste capítulo abordaremos a atuação do docente com a realização da pesquisa de campo, com os praticantes da pesquisa, mais precisamente os alunos da Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva em São João – PE, a respeito do tema pesquisado.

4.1 DESCRIÇÃO DO CAMPO DA PESQUISA

Imagem 1: Instituição de Ensino - Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva



Fonte: Autoria própria, 2024.

A Escola João Fernandes da Silva, localizada na Av. Joaquim Pereira dos Santos, SN - Centro, São João - PE, é mais do que uma Instituição de Ensino, é um símbolo de educação, transformação e compromisso com a comunidade. Fundada em 1966 com o propósito de atender às necessidades educacionais do Ensino Fundamental, ao longo dos anos, ela evoluiu para se tornar um pilar fundamental no panorama educacional da região, oferecendo não apenas o ensino regular, mas também programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A história da Escola João Fernandes da Silva é entrelaçada com a história da própria comunidade de São João, Pernambuco. Desde o seu surgimento, a escola tem sido um farol de conhecimento e oportunidades para gerações de alunos e suas famílias. Inicialmente estabelecida como uma instituição voltada para o Ensino

Fundamental, a escola rapidamente ganhou reputação por sua dedicação ao ensino de qualidade e ao desenvolvimento integral dos alunos.

Ao longo dos anos, a Escola João Fernandes da Silva adaptou-se às mudanças no campo da educação, expandindo seu alcance e suas ofertas para atender às crescentes demandas da comunidade. A inclusão do programa EJA foi um marco importante em sua história, permitindo que aqueles que não tiveram acesso à educação formal durante sua juventude tivessem a oportunidade de retomar seus estudos e alcançar novos horizontes.

Além disso, a Escola tem desempenhado um papel vital no fortalecimento dos laços comunitários, servindo como um centro de atividades educacionais, culturais e sociais. Eventos como festivais, feiras de ciências, competições esportivas e apresentações artísticas não apenas enriquecem a experiência educacional dos alunos, mas também promovem um senso de pertencimento e orgulho na comunidade.

A trajetória da Escola João Fernandes da Silva é um testemunho do poder transformador da educação. Ao longo dos anos, ela tem capacitado inúmeras pessoas a alcançarem seus sonhos e a construírem um futuro melhor para si e para suas famílias. O compromisso dos educadores, funcionários e membros da comunidade em geral tem sido fundamental para o sucesso contínuo da Escola e para o impacto positivo que ela tem na vida de tantas pessoas.

À medida que olhamos para o futuro, é importante reconhecer e celebrar a história da Escola João Fernandes da Silva e tudo o que ela representa. Que continue a ser um farol de educação e esperança, inspirando as gerações vindouras a alcançarem todo o seu potencial e a contribuírem para um mundo mais justo e equitativo.

Além de sua rica história e seu compromisso com a qualidade educacional, a Escola João Fernandes da Silva destaca-se também pelo seu alcance significativo na comunidade. Atualmente, a Escola atende a uma impressionante quantidade de 1.023 estudantes, representando uma comunidade diversificada e dinâmica. É interessante observar que essa população estudantil é composta por 47% de alunos provenientes da área rural e 53% da área urbana.

Essa distribuição equitativa reflete o compromisso da Escola em fornecer oportunidades educacionais a todas as camadas da sociedade, independentemente de sua origem ou contexto socioeconômico. A diversidade presente na Escola não

apenas enriquece o ambiente de aprendizado, mas também promove a compreensão mútua, o respeito e a valorização das diferentes realidades e experiências dos alunos.

A Escola João Fernandes da Silva orgulha-se de sua capacidade de acolher e atender às necessidades variadas de uma comunidade tão multifacetada. Essa característica não apenas fortalece os laços entre a Escola e a comunidade, mas também reforça o seu papel como um centro de educação inclusiva e acessível para todos.

4.2 CAMPO METODOLÓGICO

Este ponto tem como objetivo definir a base teórico conceitual da investigação que foi desenvolvida, sua identidade, motivos e intenções. Neste sentido a metodologia tem caráter funcional. Sendo de natureza empírica essa pesquisa é qualiquantitativa, visto que os dados advêm da vivência em sala de aula de significados compartilhados e construídos no caminho da intervenção. Com a utilização de grupo focal os alunos do 1º ano do Ensino do Médio, existindo uma semelhança nos dados evidenciados entre os participantes da pesquisa. A esse respeito, Chizzotti (2000, p.81) defende que:

A pesquisa qualitativa, não é uma definição apriorística, fruto de um distanciamento que o pesquisador se impõe para extrair as leis constantes que o explicam e cuja frequência e regularidade pode-se comprovar pela observação direta e pela verificação experimental.

Neste sentido buscou-se compreender o problema da pesquisa enquanto pesquisador da temática “Agostinho e a experiência da felicidade”, fazendo um contraponto com a realidade escolar no século XXI.

O problema de pesquisa visa o estabelecimento de aproximação entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, na busca por resposta ao seu problema de pesquisa. Nesse sentido, a pesquisa-ação numa abordagem qualiquantitativa é a metodologia de estudo que estabelece maior aproximação com objeto de pesquisa. Para Thiollent(1947, p.54-55),

por ter uma vocação de pesquisa prática, a pesquisa-ação é frequentemente vista como uma concepção empirista da pesquisa social na qual não haveria muitas implicações teóricas. Bastaria o

“bom senso” dos pesquisadores e a sabedoria popular dos participantes na identificação de problemas concretos e na busca de soluções.

A pesquisa-ação permite que o pesquisador possa fazer uma intervenção no campo de pesquisa escolhido a partir de sua problemática de pesquisa. A pesquisa-ação fornece subsídios para que o pesquisador reflita criticamente sobre o fenômeno por ele observado e apresente solução para o mesmo. “[...] a pesquisa-ação tende a adotar preferencialmente procedimentos flexíveis. Primeiramente porque ao longo do processo de pesquisa os objetos são constantemente redefinidos [...]” (Gil, 2010, p.146). Essa metodologia de pesquisa acontece mediante vários instrumentos de coleta de dados.

Os percursos metodológicos adotados na condução da pesquisa permitem ao pesquisador fazer a conexão entre a teoria e a realidade por ele observada. Ou como diz Chizzotti (2000, p. 15), “toda pesquisa explicita uma concepção e o pesquisador assume, manifesta ou latente, ingênua ou justificadamente, uma concepção da realidade” que este se propõe a estudar.

Dessa forma, Minayo (2002, p. 16) também se consolida com o discurso de Chizzotti quando afirma que “a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática”. As declarações acima feitas pela autora estão em acordo com as posições acerca da pesquisa quando ela pontua a existência de um instrumento metodológico conciso e capaz de nos direcionar perante o percurso da pesquisa, do ponto de vista teórico e na prática desta.

Enfatizamos o papel que a pesquisa ocupa quando entramos no ambiente de nossa pesquisa, a Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva em São João – PE. Nas palavras de Minayo (2002, p. 16) “entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade”. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Percebe-se que a pesquisa enquanto uma ciência está baseada na observação de algum fenômeno. Nesse caminho, a metodologia para este estudo segue a seguinte estrutura: (I) a abordagem da pesquisa; (II) os instrumentos utilizados na coleta de dados; (III) o cenário/lócus da pesquisa; (IV) os participantes da pesquisa; (V) a análise e interpretação dos dados.

A instituição de ensino na qual a pesquisa foi realizada, a Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva, localizada na Av. Joaquim Pereira dos Santos, SN - Centro, São João - PE, é mais do que uma instituição de ensino. É um símbolo de educação, transformação e compromisso com a comunidade. Os participantes da pesquisa são: estudantes (41) do 1º ano do Ensino Médio. No subitem seguinte trazemos os instrumentos que utilizamos para a coleta de dados desta pesquisa.

4.2.1 Instrumentos para coleta de dados

Utilizamos para a coleta de dados instrumentos que poderiam potencializar a resposta para a nossa questão inicial de pesquisa. Com isso, surgiram os instrumentos que permeiam a Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva em São João – PE. E que favorecem na compreensão do presente estudo.

O quadro a seguir apresenta os instrumentos, seguido de objetivo e de justificativa para a escolha.

Quadro 3: Instrumentos para coleta de dados

Estratégia	Instrumento	Objetivo
Pesquisa de Campo	Questionário para os Estudantes	Investigar o conceito de felicidade sob a ótica de Santo Agostinho, com foco no diálogo <i>Sobre a Vida Feliz</i> de Santo Agostinho, que é uma reflexão sobre a felicidade, tema este que era muito comum na Antiguidade, mas que entra em confronto com a ideia de felicidade que perpassa o universo dos estudantes do ensino médio atualmente.

Fonte: Autoria própria, 2024

A construção dos resultados demonstrou o comportamento dos participantes envolvidos sob uma ótica da necessidade de iniciar uma reflexão sobre o tema “Agostinho e a experiência da felicidade”, fazendo um contraponto com a realidade escolar no século XXI. Visou assim, analisar as contribuições dos participantes da

pesquisa através dos questionários aplicados que abordaram questões a partir da ideia do que é felicidade. O impacto no desenvolvimento das atividades pedagógicas no ensino, demonstrando um enriquecimento não só conceitual, mas também no desenvolvimento filosófico dos temas abordados.

4.2.2 Análise e discussões dos dados

As reflexões conceituais e os aspectos que as comunidades acadêmicas e científicas buscam, em especial para desenvolver os princípios da educação vêm se tornando a cada novo momento da evolução humana uma trajetória a qual questões sociais passam a ser fundamentadas sob os aspectos relevantes para a compreensão do que seria felicidade na visão de Agostinho, sendo inserida na realidade escolar no século XXI.

A história da filosofia (Antisieri; Reale, 2007) explica que a filosofia começou, enquanto esforço de pensamento metódico, há dois mil e quinhentos atrás, e, no início, ainda atrelado ao pensamento mítico, buscou explicar o sentido das coisas, o porquê dos fenômenos. Neste sentido se recorria ao mito em vista de respostas plausíveis aos fenômenos naturais, bem como a comportamentos.

Tratando da filosofia o que se pode dizer é que a admiração traz consigo a interrogação, que vai respondendo o sentido das coisas, fomentando o conhecimento de formas variadas inspirando novas dúvida em relação ao que se acredita conhecer, que por sua vez traz consigo a clara certeza acerca daquilo que se apreendeu a partir da observação interessada e curiosa.

O perturbador sentimento de perda, que ao longo da história da vida humana é uma constante, leva o ser humano a se perguntar sobre si próprio, o sentido da sua existência, sobre a morte, bem como até mesmo o porquê estamos neste mundo e qual o objetivo da nossa passagem por aqui. Neste sentido o ser humano se coloca sempre como um ser em constante curiosidade, buscando explicar a vida e seus mistérios.

Assim, para análise dos dados da pesquisa, partimos do princípio de que os resultados obtidos trazem novas reflexões pode se constituir o conceito de que a aquisição de uma nova percepção pode corresponder a possibilidades de transformações.

As questões temáticas abordadas foram realizadas através de uma pesquisa Web, ou seja, o formulário do Google, foi o método de coleta de dados no qual o questionário foi enviado para uma amostra pelo qual obtivemos as respostas através dessa ferramenta. Mais precisamente, em 1 (um) questionário. Onde foi aplicado aos alunos ambos compostos por 8 (oito) questões, A turma do 1º ano do Ensino Médio, formada por 41 alunos no total, sendo estes 21 alunos do sexo feminino e 20 alunos do sexo masculino. Ressaltamos que a aplicação dos questionários foi realizada com a participação dos 41 (quarenta e um) alunos, onde estes passaram por um sorteio de forma sigilosa e aleatória, para não comprometer a pesquisa em questão.

Os alunos tiveram acesso à concepção agostiniana de felicidade por meio de fragmentos selecionados previamente da obra "Vida Feliz". Esses textos foram cuidadosamente escolhidos para oferecer uma visão abrangente do pensamento de Agostinho sobre a felicidade. Após a leitura dos fragmentos, os alunos foram convidados a refletir e confrontar essas ideias com suas próprias experiências de felicidade. Essa atividade foi projetada para promover uma análise crítica e pessoal sobre o tema, permitindo que os alunos estabelecessem um diálogo entre a filosofia de Agostinho e suas vivências cotidianas. Em seguida, eles responderam a um questionário que avaliava a compreensão dos conceitos abordados e suas opiniões sobre a aplicabilidade das ideias de Agostinho em suas vidas.

Como resultado das intervenções obtivemos dos (as) alunos (as) respostas através de uma pesquisa Web, obtendo assim, ação de observar a capacidade da compreensão sobre o que é felicidade? Através das respostas obtidas a partir dos questionários aplicados (**Anexos I**) a possibilidade de uma leitura sobre as perguntas dentro do contexto filosófico, vale ressaltar que no total de 41 alunos apenas 21 alunos participaram da pesquisa, obtendo o seguinte resultado:

4.2.2.1 A palavra é dos participantes da pesquisa: o que os alunos pensam sobre a felicidade

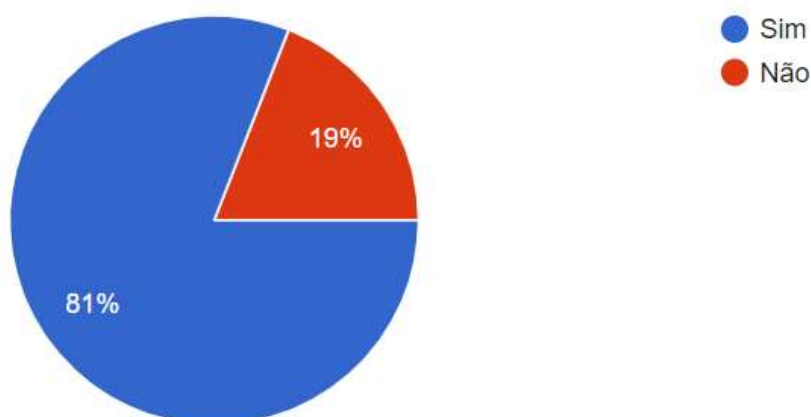
A busca da felicidade é algo inerente ao ser humano, ou seja, a todo qualquer *homo sapiens*, e isso não pode ser negado. Diz Pascal (*apud* Sponville, 2002, p. 4): “Todos os homens procuram ser felizes; isso não tem exceção... É esse o motivo de todas as ações de todos os homens, inclusive dos que vão se enforcar...”. Nesse

contexto foi indagado aos alunos algumas perguntas, acerca das quais dos 21 alunos participantes obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 1: Pessoa Feliz

Você se considera uma pessoa feliz?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

Diante do resultado acima é possível consideramos que os participantes da pesquisa compreendem que o estado de ser feliz, está vinculado a questões tais como o aluno **A** diz: “Poque nunca me faltou nada e minha família e minha base da minha felicidade, assim como o aluno **B**, desta a questão de ter por perto as pessoas que amam!”

Porém, ressalto respostas como do aluno **C**, quando o mesmo acredita que “Não, pois, sempre fui uma pessoa ambiciosa, então a cada degrau que eu subo, a felicidade me alcança, porém, uma felicidade inválida de dias”. Bem como a aluna **D** diz: “Sim e não, porque tem dias que a agente está feliz e outros que a gente não está, porque muitas das vezes a felicidade é difícil de encontrar”.

Os resultados, é evidenciam que a percepção de felicidade entre os participantes da pesquisa está intimamente ligada a diversos fatores pessoais e subjetivos. Para alguns, como o aluno **A**, a felicidade está enraizada em uma base familiar sólida e na ausência de necessidades básicas, reforçando a ideia de que um ambiente estável e afetuoso contribui significativamente para o bem-estar. O aluno **B**, por sua vez, destaca a importância de estar rodeado por pessoas amadas, indicando que as relações interpessoais são cruciais para a felicidade.

No entanto, há nuances importantes a serem consideradas, como as expressas pelo aluno **C** e pela aluna **D**. O aluno **C** revela uma perspectiva mais dinâmica e ambiciosa, onde a felicidade é percebida como um estado transitório e efêmero, alcançado por meio de conquistas sucessivas, mas rapidamente substituído por novas metas e aspirações. Isso sugere que, para alguns, a felicidade está constantemente em movimento, sempre ligada à próxima conquista.

A aluna **D**, por outro lado, apresenta uma visão mais fluida e instável da felicidade, reconhecendo que o estado emocional pode variar significativamente de um dia para o outro. Essa percepção aponta para a complexidade e a dificuldade de se manter um estado constante de felicidade, reconhecendo a sua natureza efêmera e frequentemente elusiva.

Essas diferentes perspectivas revelam a diversidade de experiências e entendimentos sobre o que constitui a felicidade, refletindo uma multiplicidade de fatores internos e externos que influenciam o bem-estar dos estudantes do ensino médio. Isso enfatiza a importância de considerar abordagens personalizadas e holísticas ao discutir e promover a felicidade, reconhecendo que cada indivíduo pode ter um caminho único para alcançá-la.

Diante dos resultados obtidos, é possível concluir que os participantes da pesquisa têm uma compreensão diversificada sobre o estado de ser feliz, evidenciando que a felicidade está intrinsecamente ligada a diferentes aspectos de suas vidas. A maioria dos alunos, como o aluno **A**, associa a felicidade à presença constante de apoio familiar e à segurança emocional proporcionada por essa base. O aluno **B** reforça essa visão ao destacar a importância de estar cercado por pessoas amadas, indicando que os relacionamentos interpessoais são fundamentais para a sua felicidade.

Por outro lado, respostas como as do aluno **C** e da aluna **D** revelam uma perspectiva mais complexa e, em alguns casos, uma visão mais temporária da felicidade. O aluno **C** expressa uma insatisfação contínua devido à sua ambição, o que sugere que a felicidade, para ele, está sempre atrelada à conquista de novos objetivos, resultando em uma felicidade efêmera. Já a aluna **D** menciona a natureza flutuante da felicidade, reconhecendo que essa emoção pode ser inconstante e difícil de alcançar em certos momentos.

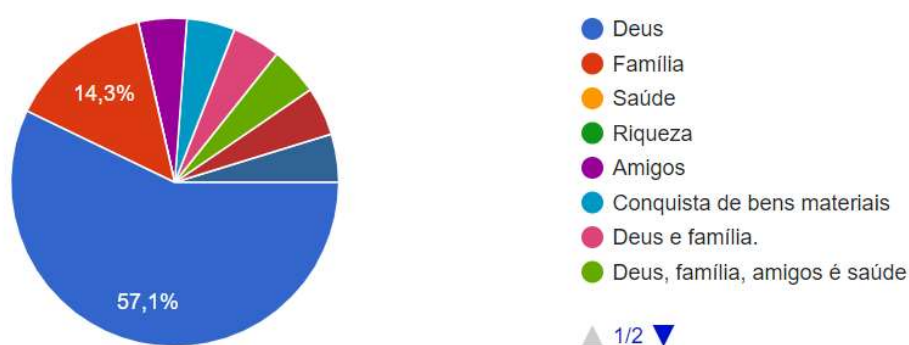
Essas respostas indicam que, enquanto alguns alunos encontram felicidade em elementos estáveis e duradouros, outros percebem-na como uma experiência

momentânea e variável. Esse contraste sublinha a complexidade da felicidade humana e destaca a importância de considerar múltiplas perspectivas ao estudar esse estado emocional. Assim, a análise revela que a concepção de felicidade entre os alunos é multifacetada, refletindo suas experiências pessoais e suas diferentes expectativas em relação à vida.

Gráfico 2: Felicidade

O que influencia a sua felicidade?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

As respostas à pergunta "o que influencia a sua felicidade?" revelam uma diversidade de fatores que contribuem para o bem-estar dos participantes. A maioria, 57,1%, atribui sua felicidade a Deus, destacando a importância da espiritualidade e da fé em suas vidas. Essa visão sugere que, para esses indivíduos, a conexão com o divino oferece um sentido de propósito, esperança e consolo, funcionando como uma fonte fundamental de felicidade.

Em segundo lugar, 28,6% dos respondentes mencionam uma combinação de amigos, riqueza material e saúde como influências principais em sua felicidade. Esse grupo destaca a importância das relações interpessoais e do suporte social, apontando que amizades significativas podem proporcionar alegria e apoio emocional. Além disso, a riqueza material é vista como um facilitador para o bem-estar, provavelmente por garantir segurança e acesso a recursos que melhoram a qualidade de vida. A saúde, por sua vez, é fundamental, pois estar fisicamente bem permite que as pessoas aproveitem plenamente as oportunidades e experiências da vida.

Por fim, 14,3% dos participantes afirmam que a família é a principal influência em sua felicidade. Isso ressalta o papel crucial que os laços familiares desempenham

no bem-estar emocional, oferecendo um senso de pertencimento, amor e suporte incondicional.

Essas respostas revelam a complexidade e a multiplicidade de fatores que contribuem para a felicidade, refletindo tanto elementos espirituais quanto materiais e relacionais. A predominância da espiritualidade como fonte de felicidade destaca a importância da dimensão transcendental na vida de muitos indivíduos, enquanto as outras influências sublinham a relevância das conexões humanas e das condições materiais para a construção de uma vida feliz. Essa diversidade de perspectivas enfatiza a necessidade de abordagens integradas e sensíveis às diferentes fontes de felicidade ao considerar o bem-estar dos estudantes.

Concluindo a análise das respostas à pergunta "o que influencia a sua felicidade?", observamos que os fatores que contribuem para a felicidade dos participantes são variados e refletem diferentes dimensões da vida humana. A predominância da espiritualidade, com 57,1% dos respondentes afirmando que Deus é a principal influência em sua felicidade, evidencia a profunda importância da fé e da conexão com o divino para muitos indivíduos. Esse dado sugere que a espiritualidade oferece um sentido de propósito, esperança e consolo, funcionando como uma base sólida para o bem-estar emocional.

Além disso, 28,6% dos participantes identificam amigos, riqueza material e saúde como influências principais. Essa combinação destaca a importância das relações interpessoais e do suporte social, indicando que amizades significativas são fundamentais para a felicidade. A riqueza material é vista como um facilitador que garante segurança e acesso a recursos, melhorando a qualidade de vida. A saúde, por sua vez, é crucial, pois estar fisicamente bem permite aproveitar plenamente as experiências da vida.

Por fim, 14,3% dos respondentes afirmam que a família é a principal influência em sua felicidade. Este grupo destaca o papel vital que os laços familiares desempenham no bem-estar emocional, proporcionando um senso de pertencimento, amor e suporte incondicional.

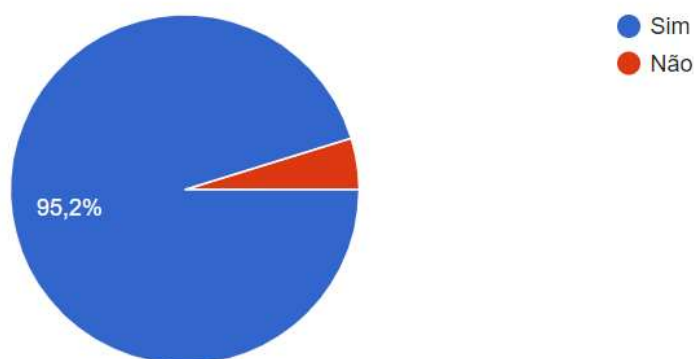
Essas respostas revelam a complexidade e a diversidade de fatores que contribuem para a felicidade, abrangendo elementos espirituais, materiais e relacionais. A predominância da espiritualidade como fonte de felicidade sublinha a importância da dimensão transcendental na vida de muitos indivíduos, enquanto as outras influências reforçam a relevância das conexões humanas e das condições

materiais. Essa variedade de perspectivas enfatiza a necessidade de abordagens integradas e sensíveis às diferentes fontes de felicidade ao considerar o bem-estar dos estudantes. Assim, reconhecer e valorizar essa diversidade é essencial para promover uma compreensão mais holística e inclusiva da felicidade.

Gráfico 3: Ambiente Familiar e Felicidade

Você acha que o ambiente familiar tem um impacto significativo na sua felicidade?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

Para Sponville, é por meio da filosofia que se chegará à felicidade. Pautado em Epicuro, Sponville responde à pergunta: “O que é a filosofia?” da seguinte forma: “[...] é uma prática discursiva [...] que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim.

A esse respeito, diz o aluno **D**: “acho que Sim, pois se eu estiver em um ambiente acolhedor e amoroso seria muito fácil levar as outras coisas da vida”. Assim, como a aluna **E**: “Sim, só pelo fato de ter uma " família" já sou feliz por isso”. Já o aluno **F** ressalta que “quando estou na escola não sou feliz”, assim como a aluna **G** conta que “a existência de pessoas mais triste que eu”, na Escola.

Concluindo a análise da relação entre a filosofia e a felicidade segundo Sponville (2005), é evidente que a perspectiva filosófica, especialmente influenciada por Epicuro, propõe a filosofia como um caminho para alcançar a felicidade. Sponville (2005) define a filosofia como uma prática discursiva que tem a vida por objeto, a razão por meio e a felicidade por fim. Esse entendimento sugere que a reflexão racional e o cultivo da sabedoria são essenciais para atingir um estado de bem-estar duradouro.

Os alunos entrevistados refletem essa ideia em suas respostas, embora de maneiras variadas. O aluno **D** afirma que a felicidade está relacionada a um ambiente acolhedor e amoroso, indicando que um contexto favorável pode facilitar a aplicação dos princípios filosóficos na vida cotidiana. A aluna **E** reforça essa visão ao declarar que a simples presença de uma família já é motivo de felicidade, o que pode ser interpretado como um reconhecimento da importância dos relacionamentos e do suporte emocional, alinhando-se à ideia epicurista de que amizades e conexões humanas são fundamentais para uma vida feliz.

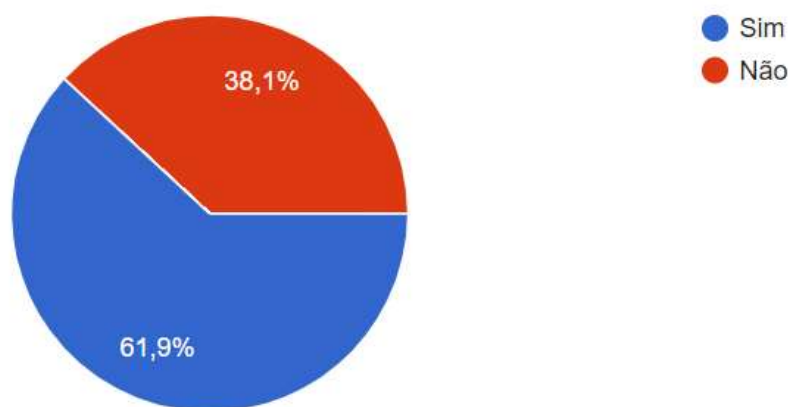
Por outro lado, o aluno **F** e a aluna **G** expressam uma perspectiva mais crítica, associando a infelicidade ao ambiente escolar. O aluno **F** declara que não é feliz quando está na escola, e a aluna **G** observa a presença de pessoas mais tristes no ambiente escolar. Essas respostas indicam que, para alguns, o ambiente escolar pode ser um obstáculo para a felicidade, talvez por falta de um ambiente acolhedor ou de suporte emocional.

Em síntese, a filosofia, conforme entendida por Sponville (2005), oferece um caminho para a felicidade por meio da razão e da reflexão sobre a vida. No entanto, as respostas dos alunos destacam que, além da prática filosófica, fatores contextuais e emocionais, como um ambiente acolhedor e relações significativas, também desempenham um papel crucial na busca pela felicidade. Essas variáveis devem ser consideradas ao aplicar os princípios filosóficos na vida real, reconhecendo a importância de um contexto favorável e de suporte emocional para alcançar uma vida verdadeiramente feliz.

Gráfico 4: Amizade e Felicidade

As amizades influenciam na sua felicidade?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

“Trata-se de pensar melhor para viver melhor” (Sponville, 2002, p. 6). Assim, a felicidade é um tema bastante trabalhado pelos filósofos gregos.

Ao abordarmos a felicidade ligada à amizade, diz o aluno **A**: “Não me importo com opiniões”, assim, como a aluna **G** afirma que “dependendo da amizade, se for uma amizade que não tenha falsidade é com lealdade”.

Já o aluno **I**, falando acerca de um amigo, explica que “Ele [o amigo] conseguiu fazer todo tipo de emoção desperta em mim”.

Concluindo a análise com base na afirmação de Sponville, “Trata-se de pensar melhor para viver melhor” (Sponville, 2002, p. 6), e considerando a abordagem filosófica grega sobre a felicidade, especialmente em relação à amizade, observamos várias perspectivas sobre o papel das relações interpessoais na busca pelo bem-estar.

A felicidade, conforme discutida pelos filósofos gregos, frequentemente envolve a prática da reflexão e a busca da sabedoria para alcançar uma vida plena. Nesse contexto, a amizade é vista como um elemento central para a felicidade. Os alunos entrevistados oferecem insights valiosos sobre essa conexão.

O aluno **A** afirma que não se importa com opiniões, sugerindo uma abordagem independente e possivelmente autossuficiente para a felicidade. Essa perspectiva pode indicar uma forma de pensar melhor para viver melhor, onde a autoconfiança e a independência emocional são valorizadas.

A aluna **G** destaca a importância da qualidade da amizade, ressaltando que a lealdade e a ausência de falsidade são cruciais para uma amizade verdadeira e, conseqüentemente, para a felicidade. Essa visão está alinhada com a filosofia epicurista, que valoriza a amizade sincera e confiável como uma das maiores fontes de prazer e bem-estar.

O aluno **I** enfatiza a capacidade de um amigo de despertar uma gama de emoções, o que sugere que as amizades não apenas proporcionam suporte emocional, mas também enriquecem a experiência de vida, trazendo alegria, conforto e outras emoções significativas.

Essas respostas dos alunos refletem a ideia central de Sponville de que pensar melhor leva a viver melhor, aplicando-se à construção e manutenção de amizades que contribuem para a felicidade. A amizade, quando baseada em lealdade e autenticidade, pode ser uma fonte poderosa de felicidade, oferecendo suporte emocional, enriquecendo a vida com experiências compartilhadas e proporcionando um senso de pertencimento.

Em resumo, a filosofia grega e a visão de Sponville (2001) sobre a felicidade enfatizam a importância de pensar de forma reflexiva sobre nossas relações interpessoais. Amizades verdadeiras, construídas sobre a base da lealdade e autenticidade, desempenham um papel vital na busca pela felicidade, ajudando-nos a viver melhor através de conexões significativas e emocionais.

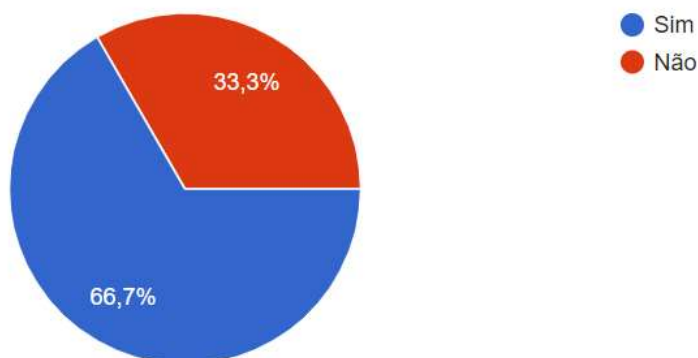
Estes apontam para a sabedoria como aquela que será capaz de encontrar “certa qualidade de felicidade” (Sponville, 2001, p. 5), isto é, precisa-se buscar a felicidade por meio da sabedoria.

Assim, conforme o (**Gráfico 5**) alguns alunos (a) ressaltaram que “a Escola por muitas das vezes a gente não consegue se concentrar nas atividades por conta que sua mente não lhe deixa em paz”, resposta do aluno **J**. Bem como, a aluna **K** explica *que* “as vezes fico triste ou magoada pela pressão”. Dados estes que se confirmam no gráfico a seguir:

Gráfico 5: Atividades Extracurriculares e a Felicidade

Você sente que a pressão da escola ou de outras atividades extracurriculares afeta sua felicidade?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

A análise das respostas dos estudantes à pergunta "Você sente que a pressão da escola ou de outras atividades extracurriculares afeta sua felicidade?" Revela um panorama interessante sobre o impacto das demandas acadêmicas e extracurriculares no bem-estar dos alunos. Obtendo como 66,7% afirmam que sim: A maioria dos estudantes sente que a pressão da escola e de atividades extracurriculares afeta negativamente sua felicidade. E 33,3% afirmam que não: Uma parcela menor dos estudantes não sente que essas pressões impactam sua felicidade.

Sendo possível constatarmos que o impacto negativo foi de 66,7% e o impacto neutro ou positivo de 33,3%, por outro lado, estes 33,3% dos estudantes não sentem que a pressão da escola e de atividades extracurriculares afeta sua felicidade. Isso pode ser atribuído a vários fatores:

1. **Gestão Eficiente do Tempo:** Alguns estudantes podem ter habilidades eficazes de gestão do tempo, permitindo-lhes equilibrar responsabilidades acadêmicas e extracurriculares com atividades de lazer e descanso.
2. **Resiliência:** Estudantes resilientes podem lidar melhor com o estresse e as pressões, mantendo uma atitude positiva e encontrando maneiras de se recuperar rapidamente de desafios.

3. **Apoio Social e Familiar:** O suporte de familiares, amigos e professores pode desempenhar um papel crucial em ajudar os estudantes a gerenciar a pressão e manter um senso de bem-estar.

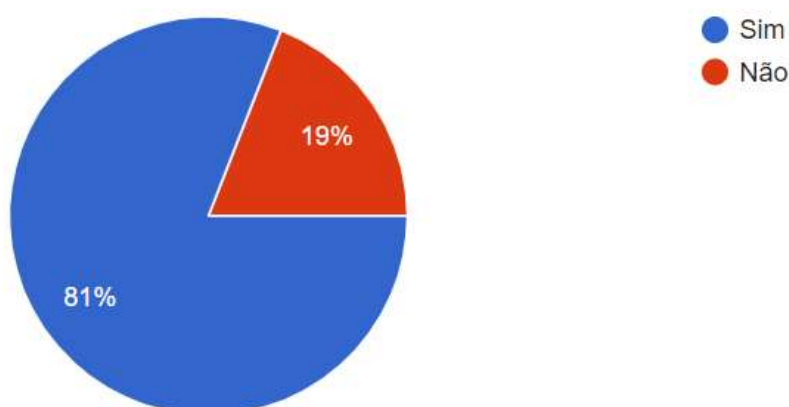
A análise das respostas indica que a pressão da escola e de atividades extracurriculares é uma preocupação significativa para a maioria dos estudantes, afetando negativamente sua felicidade. No entanto, uma parcela notável dos estudantes consegue gerenciar essas pressões sem prejuízos ao seu bem-estar, destacando a importância de habilidades de gestão do tempo, resiliência e apoio social.

Para mitigar os efeitos negativos dessa pressão, é essencial que escolas e famílias promovam um ambiente equilibrado e saudável. Isso pode incluir a implementação de programas de bem-estar, a promoção de práticas de autocuidado e a criação de um sistema de suporte robusto que ajude os estudantes a navegar pelas demandas acadêmicas e extracurriculares de maneira saudável e sustentável.

Gráfico 6: Redes Sociais e a Felicidade

As redes sociais têm um papel positivo na sua felicidade?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

A análise das respostas dos 21 estudantes do primeiro ano do ensino médio à pergunta "As redes sociais têm um papel positivo na sua felicidade?" revela uma

perspectiva majoritariamente favorável sobre o impacto das redes sociais no bem-estar dos alunos. Obtendo 81% disseram que sim: A maioria dos estudantes acredita que as redes sociais desempenham um papel positivo na sua felicidade. E 19% disseram que não: Uma minoria dos estudantes não vê um impacto positivo das redes sociais na sua felicidade.

Portanto, é possível analisarmos como impacto positivo que a grande maioria dos estudantes (81%) relatando que as redes sociais têm um papel positivo na sua felicidade sugere vários benefícios percebidos dessas plataformas:

1. **Conexão Social:** As redes sociais permitem que os estudantes se conectem com amigos e familiares, mesmo à distância, fortalecendo relacionamentos e proporcionando um senso de comunidade e pertencimento.
2. **Entretenimento e Distração:** As redes sociais oferecem uma ampla gama de conteúdos de entretenimento, como vídeos, memes e atualizações de amigos, que podem proporcionar diversão e distração do estresse cotidiano.
3. **Apoio Emocional:** Plataformas de redes sociais podem servir como espaços para buscar e oferecer apoio emocional, compartilhando experiências e recebendo conselhos e encorajamento de seus pares.
4. **Auto compartilhamento e Expressão:** As redes sociais permitem que os estudantes expressem suas identidades, interesses e talentos, recebendo reconhecimento e validação, o que pode contribuir para a autoestima e felicidade.

Por outro lado, como impacto negativo, 19% dos estudantes não consideram que as redes sociais tenham um impacto positivo na sua felicidade. As razões para essa visão podem incluir:

1. **Comparações Sociais:** As redes sociais frequentemente incentivam comparações entre usuários, o que pode levar a sentimentos de inadequação, inveja e baixa autoestima.

2. **Cyberbullying:** A presença de comportamentos negativos, como cyberbullying e comentários maldosos, pode prejudicar o bem-estar emocional dos estudantes.
3. **Dependência e FOMO (*Fear of Missing Out*):** A necessidade de estar constantemente conectado e atualizado pode gerar ansiedade e estresse, interferindo no equilíbrio entre atividades online e offline.
4. **Privacidade e Segurança:** Preocupações com privacidade e segurança podem causar desconforto e estresse aos usuários das redes sociais.

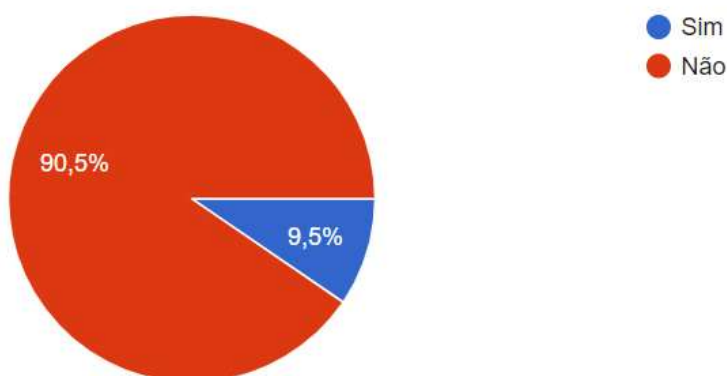
Portanto, a análise das respostas dos estudantes revela que a maioria vê as redes sociais como um fator positivo em sua felicidade, destacando a importância da conexão social, entretenimento, apoio emocional e auto compartilhamento. No entanto, uma parte significativa dos estudantes reconhece os aspectos negativos dessas plataformas, como comparações sociais, cyberbullying e ansiedade associada ao uso excessivo.

Essas percepções indicam que, enquanto as redes sociais podem oferecer benefícios importantes para o bem-estar, também é crucial abordar e mitigar os potenciais impactos negativos. Educar os estudantes sobre o uso saudável das redes sociais, promovendo práticas de bem-estar digital e oferecendo suporte para lidar com problemas como *cyberbullying* e comparações sociais, pode ajudar a maximizar os aspectos positivos e minimizar os negativos, contribuindo para uma experiência mais equilibrada e saudável nas redes sociais.

Gráfico 7: Felicidade e Busca de Ajuda Profissional

Você já buscou ajuda profissional para lidar com problemas que afetam sua felicidade?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

Sobre o sentido de felicidade, aponta Tatiana Fagundes Audino (2015, p. 34) em sua dissertação *“O imperativo da felicidade na contemporaneidade”*:

[...] o sentido do que é concebido como felicidade ao longo da história não parece ser o mesmo. Na contemporaneidade, notamos que ela se apresenta como um imperativo colocado de saída: ser feliz, é preciso. É preciso agora e a qualquer preço. Sendo que, aquele que não consegue realizar este ideal está fadado a ser ‘taxado’ de deprimido e fracassado. O famoso *loser* da cultura americana.

Sponville (2002) defende a busca por uma felicidade profunda, sendo possível por meio dos discursos e raciocínios, propostos pela prática discursiva filosófica, não sendo esta ilusória ou temporária.

Assim, fica claro que 90% dos participantes não buscaram ajuda de profissionais, alunos como **N** explica que “não, pois sempre levei meus problemas da forma mais leve existente possível”. Já o aluno **O** que “não preciso de ajuda de ninguém, pois quando precisei ninguém me ajudou, então eu acostumei a não pedir ajuda ou algo do tipo”. Contudo, o aluno **Q** que “sim já procurei uma psiquiatra para tentar escutar as suas palavras que são tipo conselhos para ele ajudar na sua felicidade”.

Com base nas respostas dos 21 estudantes do primeiro ano do ensino médio à pergunta “Você buscou ajuda profissional para lidar com os problemas que afetam a sua felicidade?”, podemos observar que uma ampla maioria, 90,5% dos alunos, afirmou ter procurado ajuda profissional. Isso corresponde a aproximadamente 19

estudantes. Por outro lado, 9,5% dos alunos, ou cerca de 2 estudantes, responderam que não buscaram ajuda profissional.

Esta alta porcentagem de alunos que buscaram ajuda indica uma conscientização significativa sobre a importância de buscar suporte profissional para lidar com questões relacionadas à felicidade e bem-estar. É possível que esses estudantes estejam cientes dos benefícios de receber orientação e suporte de especialistas, o que pode contribuir para uma melhor gestão de seus problemas emocionais e psicológicos.

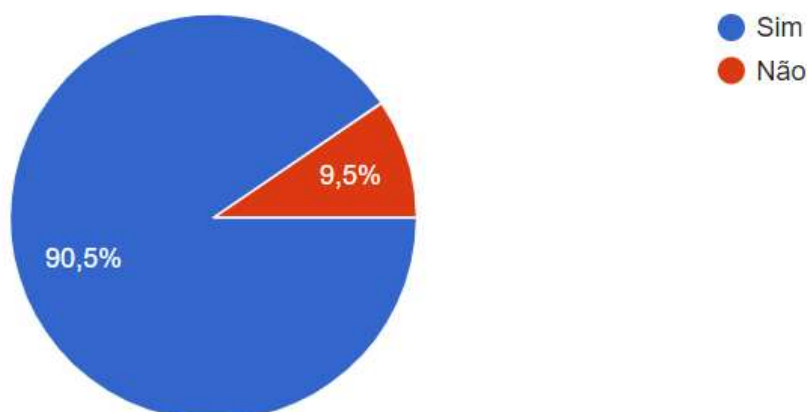
Entretanto, a minoria que não procurou ajuda também merece atenção. É importante entender as razões que levaram esses alunos a não buscar apoio, como possíveis barreiras de acesso, estigma associado à procura de ajuda psicológica, ou mesmo uma falta de percepção da necessidade de intervenção profissional.

Esses dados são fundamentais para educadores e responsáveis por políticas educacionais, pois ressaltam a importância de fornecer recursos e informações adequadas sobre saúde mental, além de facilitar o acesso a serviços de apoio psicológico dentro das escolas.

Gráfico 8: Felicidade Futura

Você acredita que terá um futuro feliz?

21 respostas



Fonte: Autoria própria, 2024.

O aluno **R** falou que “mesmo que eu tenha momentos ruins eu também vou ter momentos bons isso é felicidade”. Assim, como a aluna **S**: “eu mesmo me interessei nos estudos pra ter um bom emprego e sempre respeito o próximo para ser respeitado e sempre tá feliz em um ambiente que ninguém não atrapalhe sua felicidade”.

Sendo assim, Comte-Sponville defende a busca por uma felicidade profunda, sendo possível por meio dos discursos e raciocínios, propostos pela prática discursiva filosófica, não sendo esta ilusória ou temporária. Assim, definida a felicidade como alegria em Deus, seguiremos então para seus desdobramentos dentro do sistema ético moral agostiniano. O principal desdobramento dessa perspectiva de felicidade se dá na sua relação com a verdade, como já foi mencionado anteriormente. Por isso, vejamos agora a maneira pela qual a felicidade é intimamente vinculada à própria verdade.

Com base nas respostas dos 21 estudantes do primeiro ano do ensino médio à pergunta "Você acredita que terá um futuro feliz?", podemos concluir que uma grande maioria dos alunos, 90,5%, acredita em um futuro feliz. Isso corresponde a aproximadamente 19 estudantes. Por outro lado, 9,5% dos alunos, ou cerca de 2 estudantes, expressaram dúvidas ou não acreditam que terão um futuro feliz.

Essa alta porcentagem de estudantes otimistas em relação ao futuro é um indicador positivo, sugerindo que a maioria dos alunos possui uma visão esperançosa e confiante sobre o que está por vir. Essa perspectiva pode ser influenciada por diversos fatores, como o suporte familiar, experiências pessoais, ambiente escolar e acesso a recursos que promovem o bem-estar.

No entanto, a presença de uma pequena porcentagem de alunos que não compartilha dessa visão positiva também merece atenção. É importante investigar as causas dessa percepção negativa para poder oferecer suporte adequado a esses estudantes. Fatores como estresse, ansiedade, dificuldades pessoais ou acadêmicas podem estar contribuindo para essa visão pessimista.

Para os educadores e responsáveis pela gestão escolar, esses dados destacam a importância de promover um ambiente que não apenas apoie o bem-estar acadêmico, mas também o emocional e psicológico dos alunos. Iniciativas como programas de aconselhamento, atividades que promovam a autoestima e o desenvolvimento de habilidades de resiliência podem ser fundamentais para ajudar todos os estudantes a cultivar uma visão positiva e esperançosa sobre o futuro.

4.2.2.2 Os impactos do conceito de felicidade agostiniano sobre os alunos

O conceito de felicidade segundo Agostinho nas aulas do primeiro ano do ensino médio trouxe impactos significativos e inesperados, mesmo em um tempo pedagógico relativamente curto. O objetivo inicial era apenas apresentar brevemente a visão de Agostinho sobre a felicidade, conforme descrito em sua obra "Sobre a Vida Feliz", onde ele afirma que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada em Deus. No entanto, os resultados dessa reflexão foram muito mais amplos e profundos do que se previa, indo além do espaço físico e temporal da sala de aula e permeando outros ambientes da escola.

Durante as aulas, os alunos foram expostos à ideia de que a felicidade, segundo Agostinho, não reside nas coisas materiais ou nas realizações temporais, mas em uma conexão profunda e duradoura com o divino. Essa perspectiva gerou um engajamento imediato e profundo. Muitos alunos começaram a refletir sobre suas próprias concepções de felicidade e a questionar se suas buscas pessoais estavam alinhadas com algo que pudesse proporcionar uma satisfação duradoura. Este tipo de introspecção é raro em um ambiente educacional que muitas vezes se concentra em objetivos acadêmicos e mensuráveis, mas é vital para o desenvolvimento pessoal e espiritual dos estudantes.

Surpreendentemente, a discussão sobre a felicidade agostiniana não ficou confinada à sala de aula. Os alunos levaram essas reflexões para outros ambientes da escola, como corredores, refeitórios e áreas de convivência. Observou-se um aumento nas conversas entre os alunos sobre o que realmente significa ser feliz, a importância das relações humanas e o papel da espiritualidade em suas vidas. Esse fenômeno é particularmente relevante, pois demonstra que o conteúdo abordado em sala teve uma ressonância significativa, instigando os alunos a pensar criticamente e a compartilhar suas ideias em diferentes contextos. A escola se tornou um ambiente onde a filosofia e a reflexão sobre a vida foram discutidas de forma natural e espontânea.

Apesar do tempo pedagógico limitado, que exigia que outros conteúdos fossem abordados em sequência, a profundidade do impacto causado pela reflexão sobre a felicidade segundo Agostinho é um testemunho da importância de incorporar temas filosóficos e éticos no currículo escolar. Mesmo que o tempo dedicado ao tema tenha

sido breve, o fato de os alunos continuarem a explorar e discutir o assunto de forma autônoma indica que tais temas possuem um valor intrínseco que ressoa profundamente com suas experiências e questionamentos pessoais. Isso também ressalta a capacidade dos alunos de se engajarem com questões complexas e de refletirem sobre suas próprias vidas de maneira crítica e introspectiva.

Além das discussões imediatas, os efeitos duradouros dessas reflexões podem ser observados no desenvolvimento pessoal dos alunos. Ao confrontarem suas próprias ideias sobre felicidade com as de Agostinho, os estudantes foram desafiados a reconsiderar suas prioridades e a buscar um sentido mais profundo e significativo em suas vidas. Esse processo de autoavaliação pode contribuir para uma maior resiliência emocional e uma compreensão mais rica das próprias motivações e desejos.

O impacto positivo da introdução do conceito de felicidade agostiniano entre os alunos do primeiro ano do ensino médio é inegável. A discussão não só enriqueceu o ambiente escolar ao promover debates profundos e significativos, mas também ajudou os alunos a desenvolver uma compreensão mais rica e nuançada sobre a felicidade. Este exemplo ilustra a importância de incluir reflexões filosóficas no ensino, mesmo quando o tempo disponível é limitado, pois os benefícios podem transcender as barreiras temporais e físicas da sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos. Ao promover um espaço para a introspecção e o debate filosófico, a educação pode ir além do ensino acadêmico, ajudando a formar indivíduos mais completos e conscientes de seu papel no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi, a partir do tema “Agostinho e a experiência da felicidade”, fazer um contraponto da concepção de felicidade agostiniana com a realidade escolar no século XXI. Ao longo desta dissertação, exploramos a concepção de felicidade segundo Santo Agostinho, um dos mais proeminentes pensadores da antiguidade. Suas reflexões sobre a busca da felicidade, ancoradas na noção de que esta reside na busca pela verdade e na união com o divino, oferecem *insights* valiosos que ecoam através dos séculos.

Santo Agostinho argumenta que a felicidade genuína não pode ser encontrada nas riquezas materiais, no prazer sensorial ou na busca incessante por gratificação egoísta, mas sim na busca pela verdade e na conexão com o transcendente. Sua visão transcende as contingências temporais e ressoa com uma mensagem atemporal que desafia as noções contemporâneas de felicidade.

A intervenção teve como público-alvo os estudantes do Ensino Médio da Escola João Fernandes da Silva, com idades entre 15 e 17 anos. A metodologia proposta visou criar um ambiente de diálogo aberto e reflexão crítica, permitindo que os participantes compartilhem suas ideias, experiências e perspectivas sobre a felicidade, tanto do ponto de vista filosófico quanto pessoal.

A roda de conversa teve início com uma breve introdução ao tema da felicidade, contextualizando a vida e obra de Agostinho e sua visão sobre o assunto. Em seguida, os participantes serão convidados a participar de uma discussão aberta, explorando conceitos filosóficos e relacionando-os com suas próprias vivências e o contexto contemporâneo em que estão inseridos. Os alunos foram incentivados a refletir sobre como os ensinamentos de Agostinho podem ser aplicados em suas vidas, considerando as influências da mídia, família e sociedade.

Após a roda de conversa, os participantes tiveram a oportunidade de se aprofundar na temática por meio de atividades de leitura. Foram distribuídos textos selecionados que abordam diferentes aspectos da filosofia agostiniana da felicidade, e os participantes foram convidados a ler individualmente ou em grupos pequenos, destacando pontos de interesse e dúvidas para discussão posterior.

Em seguida, os participantes foram convidados a responder a questionários que abordam sua percepção sobre a felicidade, sua compreensão dos ensinamentos

de Agostinho e suas experiências pessoais relacionadas ao tema. Os questionários foram distribuídos em formato impresso ou disponibilizados online através de um formulário do Google.

Por fim, foi realizada uma discussão para análise das respostas aos questionários, destacando pontos de convergência e divergência entre os participantes. Foram sintetizadas as principais conclusões e *insights* obtidos durante o evento, permitindo um encerramento reflexivo e a oportunidade para os participantes compartilharem feedback sobre a experiência.

A proposta de roda de conversa e questionários buscou proporcionar uma experiência de aprendizado enriquecedora, promovendo a reflexão crítica e o diálogo construtivo sobre a felicidade, a partir da perspectiva da filosofia de Agostinho e da realidade contemporânea dos estudantes. Ao integrar diferentes metodologias, visou-se estimular o pensamento crítico, a empatia e o autoconhecimento, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e acadêmico dos participantes.

Admitimos que abordar um assunto tão desejado socialmente e confuso cientificamente requer grande esforço. Por isso, para atender ao objetivo teórico de investigar o conceito de felicidade sob a ótica de Santo Agostinho, com foco no diálogo *Sobre a Vida Feliz* de Santo Agostinho, que é uma reflexão sobre a felicidade, tema este que era muito comum na Antiguidade, mas que entra em confronto com a ideia de felicidade que perpassa o universo dos estudantes do ensino médio atualmente. Dedicamo-nos ao levantamento e esclarecimento teórico realizado nos capítulos iniciais do trabalho.

Nesse percurso, evidenciamos a complexidade que envolve os estudos sobre felicidade, como os diversos termos a ela associados e a ausência de universalidade sobre o conceito de felicidade. Em seguida, apresentação a felicidade na visão filosófica dos gregos Platão e Aristóteles e felicidade na concepção agostiniana. Dando ênfase ao abordarmos a felicidade e Santo Agostinho, ainda dentro do século XXI, onde a sociedade contemporânea é caracterizada por um ritmo frenético, uma constante busca por gratificação instantânea e uma cultura de consumo desenfreado, a felicidade muitas vezes é procurada nos lugares errados. Os adolescentes enfrentam desafios únicos em sua jornada em busca da felicidade, confrontando pressões sociais, expectativas acadêmicas, influências digitais e a busca por uma identidade autêntica em um mundo cada vez mais conectado, mas paradoxalmente isolado.

É interessante notar como as reflexões de Santo Agostinho podem servir como um contraponto poderoso às narrativas contemporâneas sobre a felicidade. Sua ênfase na importância da interioridade, da busca pela verdade, da transcendência do ego, oferece uma perspectiva que desafia a superficialidade e o imediatismo que muitas vezes permeiam a cultura moderna.

No entanto, isso não significa que as reflexões de Santo Agostinho sejam necessariamente incompatíveis com as preocupações e realidades dos adolescentes do século XXI. Pelo contrário, sua mensagem pode oferecer uma luz guia em meio à confusão e ao caos do mundo moderno, lembrando-nos da importância de cultivar uma vida interior rica e significativa, mesmo em meio às distrações e tentações da era digital.

Nesse sentido, foram elaborados quatro objetivos específicos: Apresentar a influência da filosofia clássica na vida de Agostinho; Investigar o conceito de felicidade na obra *Sobre a Vida Feliz* de Santo Agostinho; Discutir o significado de felicidade, especialmente nas concepções das/os estudantes e o que se promove pelas mídias digitais; Realizar uma intervenção didática em sala de aula, no Ensino Médio, a partir da leitura e reflexão de textos de Agostinho e da análise dos estudantes sobre felicidade.

Na busca de atendê-los tivemos como metodologia a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo e de campo. Sendo realizada na Escola de Referência em Ensino Médio João Fernandes da Silva em São João – PE.

Tais resultados demonstram que o domínio da vida relacionamentos, seja na avaliação de felicidade, seja em significado, possui alta importância para o profissional da Educação. Foi possível identificar que os relacionamentos possuem um poder agregador dos domínios que avaliaram a felicidade com os que avaliaram o significado, pois suas posições centrais na rede promovem ligações dos domínios das diferentes momentos.

Percebemos ainda, que parte dos resultados apresentados dentro do contexto a respeito da felicidade foi explicada pelo significado que o professor atribuiu aos domínios da vida.

Quando começamos este trabalho, contamos duas histórias que ilustram o interesse por esta investigação: a necessidade constante de entender o porquê de alguns eventos e um desejo antigo pela profissão de professor. Pois bem, caminhando para a finalização desse trabalho, talvez devêssemos voltar a estas duas histórias

para concluirmos.

Os resultados que apresentamos nesse trabalho ainda são as primeiras análises realizadas, de um amplo conjunto de dados recolhidos. Futuras análises que relacionem esses resultados quantitativos sobre felicidade e significado com as respostas qualitativas proferidas pelos respectivos participantes poderão contribuir para uma percepção mais ampla sobre felicidade.

Portanto, à medida que continuamos a explorar o significado da felicidade na sociedade contemporânea, é crucial incorporar perspectivas filosóficas e espirituais que transcendam as limitações do presente e nos convidem a uma jornada de autoconhecimento e autotranscendência. Ao fazê-lo, podemos encontrar um terreno comum onde as verdades eternas de Santo Agostinho e as realidades vivenciais dos adolescentes do século XXI se encontram, oferecendo um caminho para uma felicidade mais profunda, duradoura e autêntica.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. *Cartas a Proba e a Juliana*: direção espiritual. Tradução e notas de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulinas, 1987. 99 p.
- AGOSTINHO, Santo. *De Trinitate, Livros IX – XIII*. Tradutores: Arnaldo do Espírito Santo / Domingos Lucas Dias / João Beato / Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008.
- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*: contra os pagãos. 3. ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1991. v. I, 414; v. II, 589 p.
- AGOSTINHO, Santo. *Solilóquios - A vida feliz*. Tradução de Adaury Fiorotti e Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1998. 157 p. (Coleção Patrística, n. 11).
- AGOSTINHO, Santo. *Sobre a Vida Feliz*. Edição bilíngue. Tradução e notas de Sueli Maria de Regino. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 26. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ALBORNOZ, Vera do Prado Lima. *Armour*: uma aposta no Pampa. Santana do Livramento: Ed. da autora, 2000.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução: Pietro Nasseti. A história do livro e a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"/ Martin Clare. São Paulo, Brasil: Editora Martin Claret, 2001.
- AUDINO, Tatiana Fagundes. *O imperativo da felicidade na contemporaneidade*. 2015. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Dissertação. (Mestrado em Teoria Psicanalítica). Disponível em: file:///C:/Users/jkleb/Downloads/2604-Texto%20do%20artigo-11881-12384-10-20201007.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.
- BAUMAN, Z. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Revista Intersaberes. vol.14 nº3. issn: 1809-7286. set.dez 2019.
- BRASIL, *Currículo de Pernambuco do Ensino Médio 2021*. Filosofia organizador curricular. UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. Secretária de Educação e Esportes, Governo de Pernambuco, 2021.
- CAMARGO, Sígla Pimentel; ABAID, Höher Josiane Lieberknecht Wathier; GIACOMONI, Claudia Hofheinz. *Do que eles precisam para serem felizes? A felicidade na visão de adolescentes*. Artigos • Psicol. Esc. Educ. 15 (2) Dez 2011. Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/pee/a/F6ZhYZ9XxbMZBkzQnVsRSYN/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 7 Mai 2024.

CERVO, Armando Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica*: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2019.

CIANNI, Jean-Louis. *A filosofia como remédio para o desemprego*. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. *10 lições sobre Santo Agostinho*. Petrópolis: Vozes, 2012.

COSTA, Valcicléia Pereira da. Os topos da eudaimonia no discurso ético-político de Platão. Campinas: UNICAMP, 2004. 247 f. Tese (doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. (Dissertação Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Filosofia, OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. *Santo Agostinho: A busca da verdade e a descoberta da felicidade*. Recife: 2013. Disponível em: <
<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10521/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jandu%C3%AD%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. 4º Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DIENER, E., SUH, E., SMITH, H., & SHAO, L. *National differences in reported subjective well-being: why do they occur?* Social Indicators Research, 34 (1), 7-32, 1995. (Artigo) PASSAREL, Paola Moura; SILVA, José Aparecido da. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. Publicado em: Estud. psicol. (Campinas) 24 Dez 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400010> . Disponível em: <
<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/zVyJ4Q3dH97nzTtpfbvCB8J/>>. Acesso em: Acesso em: 22 fev. 2024.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade*: (a Meneceu). Tradução e Apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Introdução ao estudo de santo Agostinho / por Etienne Gilson da Academia Francesa; tradução Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. - São Paulo: Discurso Editorial: Paulus, 2006.

GOMES, Mônica Cordovil de Oliveira Martins. *A felicidade em santo agostinho*. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014.

HADOT, Pierre. *O que é filosofia antiga?* Tradução: Dion Davi Macedo. 6º Ed. São Paulo: Loyola, 2014.

JAEGER, Werner Wilhelm. *Paidéia*: a formação do homem grego. Tradução de Artur M. Pereira; Adap. de Mônica Stahel M. da Silva; Rev. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 2021.

LENOIR, Y. *Les finalités éducatives scolaires, un objet hautement problématique*. Bulletin n. 4, 2013. Chaire de Recherche du Canada sur l'Intervention éducative. Faculté de Education. Université de Sherbrooke, Canadá.

MYERS, D. G. *The funds, friends, and faith of happy people*. American Psychologist, 55 (1), 56-67, 2000. (Artigo) PASSAREL, Paola Moura; SILVA, José Aparecido da. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. Publicado em: Estud. psicol. (Campinas) 24 Dez 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400010>. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/zVyJ4Q3dH97nzTtpfbvCB8J/>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

PLATÃO, Diálogos IV: Parmênides; Político; Filebo, Lysis. Trad. textos compl. e notas de Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2009. (Clássicos EDIPRO). (Dissertação Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Filosofia, OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. *Santo Agostinho: A busca da verdade e a descoberta da felicidade*. Recife: 2013. Disponível em:< <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10521/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jandu%C3%AD%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. História da filosofia: Antiguidade e Idade Média. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2007. v. 1, 693 p. (Coleção Filosofia). (Dissertação Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Filosofia, OLIVEIRA, Janduí Evangelista de. *Santo Agostinho: A busca da verdade e a descoberta da felicidade*. Recife: 2013. Disponível em:< <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/10521/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Jandu%C3%AD%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SPONVILLE, André. *A felicidade, desesperadamente*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Disponível em file:///C:/Users/jkleb/Downloads/2604-Texto%20do%20artigo-11881-12384-10-20201007.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

SPONVILLE, André. *Apresentação da filosofia*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002. Disponível em: file:///C:/Users/jkleb/Downloads/2604-Texto%20do%20artigo-11881-12384-10-20201007.pdf. Acesso em: 22 fev. 2024.

SPONVILLE, A. C. *A felicidade desesperadamente*. Martins Fontes: São Paulo, 2005. Disponível em: Research, Society and Development, v. 9, n. 9, e840997788, 2020 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7788>. Acesso em: 22 fev. 2024.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação* / São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1986.

VAHL, Matheus Jeske. *Santo Agostinho: os fundamentos ontológicos do agir*. São Paulo: Dissertatio, 2016.

VAZ, Michelle. *Agostinho e a vida feliz*. Disponível em: <
<https://www.psicologiamsn.com/2012/11/santo-agostinho-e-a-vida-feliz.html>>
Acessado em: 29. jun. 2023.

WARBURTON, Nigel. *Breve história da filosofia*. Tradução: Rogério Bettoni. Porto Alegre: L&PM, 2016.

WHITE, Nicholas. *Breve história da felicidade*. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2009.

YIN, Roberto. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre. Ed: Bookmam. 2001.

ANEXO A - Questionário de intervenções com os alunos (as) respostas através de uma pesquisa Web



1. Você se considera feliz?

☐ Sim

☐ Não

2. O que influencia sua felicidade?

☐ Deus

☐ Família

☐ Saúde

☐ Riqueza

☐ Amigos

☐ Conquista de bens materiais

☐ Deus e família

☐ Deus, família, amigos e saúde

3. Você acha que o ambiente familiar tem um impacto significativo na sua felicidade?

☐ Sim

☐ Não

4. As amizades influenciam em sua felicidade?

☐ Sim

☐ Não

5. Você sente que a pressão da Escola ou de outras atividades extracurriculares afeta na sua felicidade?

() Sim

() Não

6. As redes sociais têm um papel positivo na sua felicidade?

() Sim

() Não

7. Você já buscou ajuda profissional para lidar com problemas que afetam sua felicidade?

() Sim

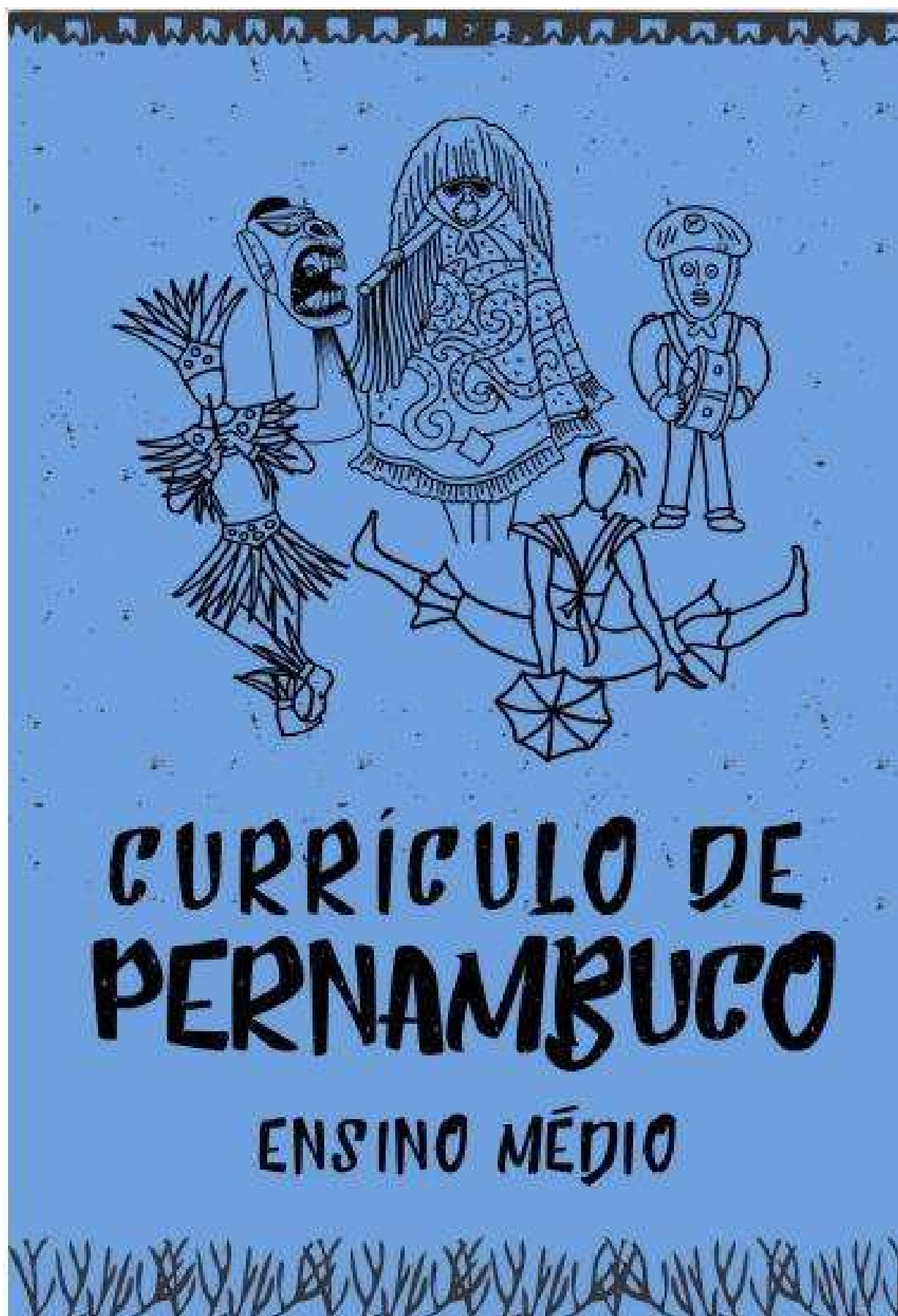
() Não

8. Você acredita que terá um futuro feliz?

() Sim

() Não

**Anexo B - Área do conhecimento de ciências humanas e sociais aplicadas -
Ensino de Filosofia no Ensino Médio**



FILOSOFIA - ORGANIZADOR CURRICULAR

FILOSOFIA		
1º ANO		
HABILIDADES DE ÁREA DA BNCC	HABILIDADES ESPECÍFICAS DOS COMPONENTES	OBJETOS DO CONHECIMENTO
(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros).	(EM13CHS103FI03PE) Compreender e articular conhecimentos filosóficos de diferentes linguagens, estruturas/conteúdos e modos discursivos, associando-os às possíveis soluções para situações-problema da sociedade contemporânea.	Filosofia: origem e contexto histórico, conceitos/características/problemas filosóficos. Os Pré-Socráticos e a Filosofia da natureza. Filosofia Grega: Sócrates, Platão e Aristóteles.
(EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.	(EM13CHS101FI01PE) Analisar de modo crítico, textos escritos e imagens de diferentes estruturas, fazendo articulação com as correntes filosóficas, considerando suas relações com o contexto sócio-político, econômico e religioso contemporâneo.	Filosofia, Mito, Ciência e Senso Comum. O Renascimento: Filosofia, paradigmas e rupturas. O Empirismo (Locke) e o Racionalismo (Descartes): Pensamento e Rupturas.
(EM13CHS202) Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas de grupos, povos e sociedades contemporâneos (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais,	(EM13CHS202FI06PE) Identificar/analisar, criticamente, através de leituras de textos e debates, as principais mudanças nos discursos e práticas políticas e socioculturais em decorrência das repercussões da ciência e tecnologia no mundo contemporâneo.	Positivismo: ideias, paradigmas e rupturas. Iluminismo: ideias, paradigmas e rupturas. Marxismo: ideias, paradigmas e rupturas.

ambientais, econômicas e culturais.		
-------------------------------------	--	--

(EM13CHS306) Contextualizar, comparar e avaliar os impactos de diferentes modelos socioeconômicos no uso dos recursos naturais e na promoção da sustentabilidade econômica e socioambiental do planeta (como a adoção dos sistemas da agrobiodiversidade e agroflorestal por diferentes comunidades, entre outros).	(EM13CHS306FI13PE) Identificar textos filosóficos sobre a importância no papel da ciência e da tecnologia nos diferentes processos econômicos e sua influência no mundo contemporâneo.	Trabalho, Ideologia e Alienação. Riqueza, Pobreza e Cidadania. Escola de Frankfurt/Teoria Crítica: origem, conceitos e problemas
(EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.	(EM13CHS303FI10PE) Compreender o conceito de cultura, analisando de modo filosófico o papel da Indústria Cultural, identificando as suas principais repercussões éticas, políticas, ideológicas e estéticas na sociedade contemporânea.	Cultura: Indústria Cultural e Cultura de Massa. Mídias Digitais e Produção de Verdades (Fake News). Ética do Discurso e Razão Comunicativa X Cientificismo e Razão Instrumental.
(EM13CHS301) Problematizar hábitos e práticas individuais e coletivos de produção, reaproveitamento e descarte de resíduos em metrópoles, áreas urbanas e rurais, e comunidades com diferentes características socioeconômicas, e elaborar e/ou selecionar propostas de ação que promovam a sustentabilidade socioambiental, o combate à poluição sistêmica e o consumo responsável.	(EM13CHS301FI08PE) Analisar criticamente os principais valores da sociedade de consumo e seus impactos na política, sociedade e economia do mundo contemporâneo.	Ética, Valores e Sociedade. Trabalho, Cultura e Natureza: dilemas ético socioambientais na contemporaneidade.

(EM13CHS404) Identificar e discutir os múltiplos aspectos do trabalho em diferentes circunstâncias e contextos históricos e/ou geográficos e seus efeitos sobre as gerações, em especial, os jovens, levando em consideração, na atualidade, as transformações técnicas, tecnológicas e informacionais	(EM13CHS404FI16PE) Compreender, através de análise crítica, a importância da ciência e da tecnologia e seus impactos na nova organização do mundo do trabalho na atualidade.	Ciência, Tecnologia/Informação e Mundo do Trabalho. Neoliberalismo, Globalização e Cidadania. Dilemas Econômicos Contemporâneos.
--	--	--

(EM13CHS501) Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, a convivência democrática e a solidariedade.	(EM13CHS501FI17PE) Analisar os conceitos de diversidade, identidade e alteridade identificando suas relações com elementos constitutivos do campo ético, tais como liberdade, autonomia e responsabilidade, tendo como referências as correntes filosóficas da Idade Moderna e Contemporânea.	Ética e Valores Morais: o problema da liberdade. Ética da Diferença: Diversidade, Identidade e Alteridade. Elementos da Ação Ética: Liberdade, Autonomia e Responsabilidade.
(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.	(EM13CHS502FI18PE) Problematicar, de modo reflexivo, a construção das dimensões éticas do sujeito na contemporaneidade, tendo em vista a promoção dos Direitos Humanos.	Ética, Democracia e Cidadania. Mídias, Sociedade e Cidadania. Dilemas Ético-políticos na Contemporaneidade.

(EM13CHS601) Identificar e analisar as demandas e os protagonismos políticos, sociais e culturais dos povos indígenas e das populações afrodescendentes (incluindo as quilombolas) no Brasil contemporâneo considerando a história das Américas e o contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, promovendo ações para a redução das desigualdades étnico-raciais no país.	(EM13CHS601FI21PE) Reconhecer a importância do papel da cultura na formação de valores e suas implicações nos processos sociais como norteadores da dinâmica de inclusão/exclusão social.	Cultura, Valores e Exclusão Social. Identidade, autonomia e ancestralidade/encantamentos. Capitalismo: os novos processos produtivos e as desigualdades sociais.
---	---	---

(EM13CHS602) Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino-americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.	(EM13CHS602FI22PE) Compreender, criticamente, o conceito de cidadania e suas implicações fundamentais com as relações de poder, tanto de regimes políticos democráticos como ditatoriais.	Poder, Democracia e Cidadania. Regimes Políticos Autoritários X Democráticos: os Desafios da Democracia Hoje. Estado X Sociedade Civil: movimentos e organizações sociais.
--	---	---

(EM13CHS603) Analisar a formação de diferentes países, povos e nações e de suas experiências políticas e de exercício da cidadania, aplicando conceitos políticos básicos (Estado, poder, formas, sistemas e regimes de governo, soberania etc)	(EM13CHS603FI23PE) Compreender, de modo crítico, a relação entre cidadania, democracia e poder político e suas implicações nos processos que legitimam os sistemas de organização política, tendo em vista a promoção do Estado Democrático de Direito.	Cidadania, Democracia e Liberdade. Estado, Sistemas de Governo e finalidades da vida política. Filosofia Moderna: Locke, Rousseau e Hegel.
--	--	---